

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

STEPHANIE SANDER

**O GUERREIRO IDEAL SEGUNDO O *LIVRE DES FAIS D'ARMES ET DE
CHEVALERIE* DE CHRISTINE DE PIZAN**

**Florianópolis
2016**

STEPHANIE SANDER

**O GUERREIRO IDEAL SEGUNDO O *LIVRE DES FAIS D'ARMES ET DE
CHEVALERIE* DE CHRISTINE DE PIZAN**

Trabalho de conclusão de curso
submetido ao Curso de História da
Universidade Federal de Santa Catarina,
como requisito obrigatório do grau de
Bacharel e Licenciado em História.

**Orientadora: Prof^a. Dr^a. Aline Dias da
Silveira**

Florianópolis
2016



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
COLEGIADO DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

ATA DE DEFESA DE TCC

Aos seis dias do mês de dezembro do ano de dois mil e dezesseis, às catorze horas, na Sala Lantana do Centro de Eventos – Universidade Federal de Santa Catarina, reuniu-se a Banca Examinadora composta pela Professora **Aline Dias da Silveira**, Orientador e Presidente, o Professor **Rodrigo Bragio Bonaldo**, Titular da Banca, e o Mestrando **Rodrigo Prates de Andrade**, Suplente, designados pela Portaria nº46/HST/16 da Senhora Chefe do Departamento de História, a fim de argüirem o Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica **Stephanie Sander**, subordinado ao título: “O GUERREIRO IDEAL SEGUNDO O LIVRE DES FAIS D’ARMES ET DE CHEVALERIE DE CHRISTINE DE PIZAN”. Aberta a Sessão pela Senhora Presidente, a acadêmica expôs o seu trabalho. Terminada a exposição dentro do tempo regulamentar, a mesma foi arguida pelos membros da Banca Examinadora e, em seguida, prestou os esclarecimentos necessários. Após, foram atribuídas notas, tendo a candidata recebido da Professora **Aline Dias da Silveira**, a nota final ...9..., do Professor **Rodrigo Bragio Bonaldo**, a nota final ...9..., e do Mestrando **Rodrigo Prates de Andrade**, a nota final ...9...; sendo aprovada com a nota final ...9.... A acadêmica deverá entregar o Trabalho de Conclusão de Curso em sua forma definitiva em versão digital, ao Departamento de História, até o dia nove do mês de dezembro de dois mil e dezesseis. Nada mais havendo a tratar, a presente ata será assinada pelos membros da Banca Examinadora e pela candidata.

Florianópolis, 6 de dezembro de 2016.

Banca Examinadora:

Prof.a **Aline Dias da Silveira** *Aline Dias da Silveira*

Prof. **Rodrigo Bragio Bonaldo** *Rodrigo Bragio Bonaldo*

Mestrando **Rodrigo Prates de Andrade** *Rodrigo Prates Andrade*

Candidata **Stephanie Sander** *Stephanie Sander*



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
Campus Universitário Trindade
CEP 88.040-900 Florianópolis Santa Catarina
FONE (048) 3721-9249 - FAX: (048) 3721-9359

Atesto que a acadêmica **Stephanie Sander**, matrícula n.º 09161041, entregou a versão final de seu TCC cujo título é **O GUERREIRO IDEAL SEGUNDO O LIVRE DES FAIS D'ARMES ET DE CHEVALERIE DE CHRISTINE DE PIZAN**, com as devidas correções sugeridas pela banca de defesa.

Florianópolis, 09 de Dezembro de 2016.

Profª. Drª. Aline Dias da Silveira
Orientadora

AGRADECIMENTOS

É difícil encontrar as palavras certas para agradecer àqueles que me ajudaram a passar por mais este capítulo da minha vida – e que capítulo difícil... Mas fica aqui meu “muitíssimo obrigada”:

Aos meus pais, Marcos e Consuelo, que me educaram e são responsáveis pela pessoa que eu sou hoje. Obrigada pelo apoio, pelas horas de conversa ao telefone, principalmente nas horas mais difíceis.

Ao João Gabriel, meu companheiro, que me apoiou e ajudou nesse caminho todo com muita paciência e amor. Não sei se sou digna de toda essa paciência e amor, mas sei que sem você já teria perdido as eiras, beiras e estribeiras no começo do processo.

À nossa cadelinha mais fofa do mundo, Arthêmis, pois seu amor incondicional alegrou meus dias mais chuvosos e sua alegria e vontade de aprontar, digo brincar, ajudaram a me concentrar (por incrível que pareça).

À minha orientadora, professora Aline, por ter me motivado com sua energia incessante e que, apesar da correria, apontou-me sabiamente para o caminho certo.

À professora Cristina Ribeiro, da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, que me disponibilizou uma quantidade imensa de bibliografia sobre a Christine de Pizan.

Ao professor João Alves Dias, da Universidade Nova de Lisboa, pelas aulas excelentes, por ter me ensinado paleografia e por ter me feito gostar ainda mais de pesquisa histórica.

Aos professores Rodrigo e Renata, pelo apoio e paciência num semestre difícil.

Aos meus amigos, Merlim, Diogo, Jordana, Guilherme, Amanda, Arthur, Francisco, Gabriel, Leonardo, Edson, Marina, e Ana Felipa, pelas risadas, pelas noites de pizza ou fondue, pelas idas ao cinema e pelas maratonas de séries, que me ajudaram a esfriar a cabeça e ter a mente renovada para mais um dia de leitura ou de escrita.

Aos meus amigos Andreas e Carol, pela “mãozinha” com as traduções deste trabalho.

Ao Felipe, pela carona até o local da defesa.

À Minerva, musa inspiradora de Christine, pela luz e orientação na minha escrita.

À internet, ao sistema de busca do Google e ao dicionário de sinônimos online e à versão para tablet do leitor de pdf do Adobe, pois sem estas ferramentas meu trabalho provavelmente não teria sido feito.

E a todos que de alguma maneira estiveram envolvidos, direta ou indiretamente, no processo de criação deste trabalho.

Sério, muitíssimo obrigada mesmo.

“But if it should come about that your enemy presses you hard to choose a day of battle, and if he presses you to combat, note carefully if this is to your advantage or to your regret, and do nothing unless you see your advantage.”

(Christine de Pizan)

RESUMO

Christine de Pizan (c. 1365 – c. 1430), uma das primeiras escritoras na Idade Média a se sustentarem de seu ofício, era lida e conhecida por seus contemporâneos e hoje sua vida e obras são objetos muitos estudos. Contudo, ainda há pouca pesquisa acerca de um de seus trabalhos mais conhecidos na época, o *Livre des fais d'armes et de chevalerie* (1410) – que é a fonte deste trabalho. Através de uma análise hermenêutica desta fonte, o presente trabalho procura entender o que motivou Pizan a escrever sua obra, como ela foi escrita e qual era seu público alvo, de modo a compreender e definir, de modo geral, o perfil ideal dos guerreiros franceses do período, de acordo com o ponto de vista da autora nesta obra. Para isso foi necessário considerarmos a didática christiniana no *Fais d'armes*, os índices de oralidades presentes na mesma e a leitura no medievo. Concluímos que Pizan vai além do que lhe foi encarregado por seu mecenas e escreve uma obra para aconselhar a todos os guerreiros não apenas sobre estratégias militares, mas também conselhos morais de como ser um melhor combatente.

ABSTRACT

Christine de Pizan (c. 1365 – c. 1430), one of the firsts writers in Middle Ages to live from her writings, she has been read and known by her contemporaries, and today her life and works are objects for many studies. However, there is still little research about one of her best known works at the time, the *Livre des fais d'armes et de chevalerie* (1410) - which is the source of this work. Through a hermeneutic analysis of this source, this present work seeks to understand what motivated Pizan to write her book, how she wrote it and what was her target group, in order to understand and define, in general, the profile of the ideal French warriors of the period, according to Pizan's point of view in this book. To do so was necessary consider the chritinian didactic in the *Fais d'armes*, its orality index and the reading in Middle Ages. We concluded that Pizan went beyond what has been entrusted to her by her patron and she wrote a book to advise all French warriors not only about military strategies, but also about moral advice on how to be a better combatant.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
1.1 CHRISTINE DE PIZAN	14
1.2 ESTADO DA ARTE	16
1.3 <i>LE LIVRE DES FAIS D'ARMES ET DE CHEVALERIE</i>	18
2 A OBRA: INSPIRAÇÃO, ESCRITA E AUCTORITATES	23
2.1 UMA CONJUNTURA CONTURBADA COMO INSPIRAÇÃO	23
2.2 A DIDÁTICA CHRISTINIANA	26
2.3 AS AUCTORITATES DA OBRA	29
2.3.1 Vegécio e a <i>Epitoma rei militaris</i>	30
2.3.1.1 <i>A influência vegeciana no Fais d'armes</i>	32
2.3.2 Honoré Bouvet e <i>L'Arbre des Batailles</i>	38
2.3.2.1 <i>O Mestre e a aprendiz</i>	39
3 LEITURA E LEITORES: HOMENS DE ARMAS, CAVALEIROS E NOBRES NO FAIS D'ARMES	45
3.1 UM DESAFIO: LEITURA NA IDADE MÉDIA	45
3.1.1 Índices de oralidade no <i>Fais d'armes</i>	47
3.2 O PÚBLICO PARA A QUAL PIZAN SE DIRIGIA	53
3.2.1 A armada francesa na Guerra dos Cem Anos	53
3.2.2 Homens-de-armas, cavaleiros e nobres: separando o quase inseparável	57
3.2.2.1 <i>O ideal de cavalaria</i>	60
3.2.2.2 <i>A cavalaria nas obras de Pizan</i>	61
3.3 A FIGURA DO GUERREIRO IDEAL CONFORME O <i>FAIS D'ARMES</i>	66
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	69
REFERÊNCIAS	72

1 INTRODUÇÃO

A Guerra dos Cem Anos (1337-1453) envolveu momentos importantes da história para a Europa, principalmente para França e Inglaterra. Foi um período de consolidação para as duas monarquias e, por esta razão, é um tema muito recorrente no mundo acadêmico. Entretanto, à luz de uma fonte ainda pouco explorada pelos medievalistas brasileiros,¹ percebemos que ainda há espaço para novas abordagens para este período.

O objeto de análise deste trabalho é o *Livre des fais d'arme et de chevalerie*,² escrito por Christine de Pizan (c. 1365 - c. 1430), em 1410, na França.³ O livro é um manual de guerra que teve ampla repercussão na época.⁴

Ao procurarmos informações sobre essa autora, identificamos vários estudos sobre sua vida e obra. Pizan é conhecida por ter defendido os direitos das mulheres – algo visto como excepcional para o período – e figura entre os principais pensadores políticos do século XV.⁵ Contudo, ao pesquisarmos sobre o *Fais d'armes* em específico, observamos que este é um dos livros da autora menos estudados de forma geral.

A obra foi um *best-seller* destinado oficialmente ao delfim da França,⁶ mas Christine deixou claro no seu próprio texto que seu objetivo não era apenas este.

Os propósitos que motivaram a autora a escrever esta obra, a maneira como ela o fez, e qual era o público alvo que tinha em mente serão os nortes da discussão deste trabalho. A partir de uma leitura crítica da fonte, procuraremos entender e definir, de modo geral, o perfil dos guerreiros franceses do período, de acordo com o ponto de vista da autora na fonte.

¹ A fonte encontra-se inédita no país até o momento de apresentação deste trabalho.

² Em tradução nossa o título significa “Livro dos feitos de armas e de cavalaria” e nos referiremos a essa obra, no decorrer deste trabalho, como *Fais d'armes*.

³ Há diferentes grafias para o nome da autora deste livro, aqui será utilizada a grafia francesa, como consta na biografia escrita por Françoise Autrand. Cf. AUTRAND, Françoise. **Christine de Pizan**. Paris: Fayard, 2009. Para os de mais nomes mencionados neste trabalho optamos ou pelo uso da grafia portuguesa ou francesa.

⁴ Utilizaremos como fonte deste trabalho a tradução norte-americana do livro, feita por Sumner Willard, pois até o momento não há uma edição crítica ou paleográfica da obra para o francês ou para o português. Cf. PIZAN, Christine de. **The Book of Deeds of Arms and of Chivalry**. Traduzido por WILLARD, Sumner. Editado por WILLARD, Charity C. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1999.

⁵ AUTRAND, op. cit., quarta-cap.

⁶ Ibid., p. 289; e WILLARD, Charity C. Introduction. In: PIZAN, op. cit., p. 5-6.

Pelo fato de estarmos diante de uma obra escrita no século XV, é necessário termos em mente que a leitura naquela época não era feita do mesmo modo que é atualmente. Portanto, para conseguirmos identificar o público leitor ideal no livro de Christine de Pizan, foi preciso levar em consideração alguns aspectos da História de Leitura.⁷

Como explica Roger Chartier, a leitura é “uma pratica encarnada por gestos, espaços e hábitos”, não apenas “uma operação intelectual abstrata”, mas uma “inscrição dentro de um espaço”.⁸ A leitura, seus gestos, sua compreensão e seu uso variam, portanto, conforme a época estudada, de conforme fatores presentes na sua prática.⁹

É necessário entendermos também que, mesmo antes da existência de um leitor, “a escrita foi pensada para produzir nele determinados efeitos persuasivos, encadeando-se o discurso de uma determinada maneira”,¹⁰ desta forma, o escritor determina implicitamente, ao escrever, uma imagem de quem lê, de modo a condicionar a maneira de ler do leitor.¹¹

A Idade Média, para Paul Zumthor, é um espaço oral por excelência.¹² O autor explica que admitir que em algum momento da existência de um texto ele tenha sido oral, “é tomar consciência de um fato histórico” que jamais aparecerá “a nossos olhos”.¹³ A oralidade no medievo é percebida na literatura através de uma “vocalidade-resíduo de nossas filologias, indócil a nossos sistemas de conceitualização”.¹⁴ No texto medieval há sempre um “rumor, vibrante ou confuso, de um discurso que fala da própria voz que o carrega”,¹⁵ mas nem sempre esses rumores – que o autor nomeia *índice de oralidade*¹⁶ – estão explícitos no texto

⁷ Discutiremos mais sobre a leitura no medievo no segundo capítulo deste trabalho (tópico 3.1).

⁸ CHARTIER, Roger; CAVALLLO, Guglielmo. (Org.) História da leitura no mundo Ocidental 1. São Paulo: Ática, 1998. p. 9. apud ALTIERI, Júlio. **Uma análise da obra de Roger Chartier Sobre a História da Leitura**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste/2010/resumos/R19-1037-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 1.

⁹ ALTIERI, op. cit., p. 2.

¹⁰ BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 55.

¹¹ Ibid., p. 55.

¹² ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. p. 35.

¹³ Ibid., p. 35.

¹⁴ Ibid., p. 35.

¹⁵ Ibid., p. 35.

¹⁶ Por “índice de oralidade”, o autor entende “tudo o que, no interior de um texto, informa-nos sobre a intervenção da voz humana em sua *publicação*” (grifo do autor). Estes índices podem ser: notas musicais no texto, palavras ou verbos que indiquem que o texto era cantado, declamado ou lido em

medieval. De acordo com o autor, eles são mais facilmente encontrados em textos da Alta Idade Média, pois na Baixa Idade Média, estes índices são mais sutis.¹⁷

Desta forma, utilizaremos neste trabalho uma análise hermenêutica da fonte como metodologia, uma vez que “explicar um texto significa, pois, primariamente considerá-lo como a expressão de certas necessidade [sic] socioculturais e como uma resposta a certas perplexidades bem localizadas no espaço e no tempo.”¹⁸ Assim, buscaremos interpretar e compreender a fonte através de seu contexto e índices de oralidade, pois eles nos ajudam a compreender que imagem de leitor/ouvinte Christine tinha em mente ao escrever o *Fais d’armes* – contribuindo, portanto, para compreender sua imagem do guerreiro ideal.

A despeito do constante crescimento, os estudos na área de História Medieval no país ainda são carentes em pesquisas em determinadas áreas. Apesar de encontrarmos trabalhos sobre as obras que Christine de Pizan escreveu para mulheres, principalmente no exterior, ainda há muito espaço para investigações sobre o assunto, particularmente sobre os livros que ela escreveu sobre política – pois tiveram boa repercussão e importância para o período.

O *Fais d’armes* oferece o olhar de uma mulher erudita sobre a guerra – assunto muito presente e discutido no espaço público, essencialmente masculino, da época. Assim, ao estudarmos este livro, acrescentaremos uma nova perspectiva sobre as obras de Christine de Pizan, salientando o pensamento político da autora, pouco abordado em estudos no país.

Além disso, pelo fato da obra investigada não ter tradução para o português, este trabalho possui grande importância na medida em que proporciona um ponto de partida para novos trabalhos sobre este objeto de estudo.

Uma vez que boa parte da bibliografia utilizada neste trabalho provém de obras estrangeiras, é necessário esclarecer aqui que todas as citações da fonte e das demais referências empregadas aqui foram traduzidas por nós para facilitar a leitura do texto. Os trechos nas línguas originais encontram-se nas notas de rodapé.

voz alta (como canção, dizer, falar, ouvir, escutar ou contar, por exemplo), entre outros. Cf. ZUMTHOR, op. cit., p. 35.

¹⁷ Ibid., p. 35.

¹⁸ RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação**: o discurso e a excesso de significação. Lisboa: Edições 70, 2000. p. 101.

1.1 CHRISTINE DE PIZAN

De acordo com Françoise Autrand, em sua biografia sobre a autora do *Fais d'armes*, Christine nasceu por volta de 1365, em Veneza, na Itália.¹⁹ Ainda criança, em torno dos quatro anos de idade, ela foi viver em Paris com sua família, pois seu pai, o renomado professor da Universidade de Bolonha, Thomas de Pizan (c. 1310 - 1387)²⁰ foi convocado pelo rei Charles V (1338-1380) para fazer parte de sua corte como médico e conselheiro.²¹

Em Paris, desde cedo, Pizan provavelmente teve acesso à biblioteca do rei no Louvre²² e entrou em contato com obras que lhe despertariam o senso crítico e o gosto pela escrita, que lhe seria útil no futuro.²³

A década de 1380 iniciou um período difícil para a história francesa, pois o rei Charles V morre em 1380. Seu filho, Charles VI (1368-1422) o sucede com apenas 12 anos e, por conta de uma doença não identificada que lhe causava demência, a administração do reino ficou nas mãos de seus tios que entraram em disputa civil pelo controle do reino.²⁴ Esta também foi uma década infeliz para Christine por conta do falecimento de seu pai em 1387 e de seu esposo três anos mais tarde.²⁵ Desamparada, na corte de um rei louco, com uma família para sustentar, ela precisou tomar decisões importantes para seu futuro.

Ao contrário do que acontecia com muitas mulheres naquele tempo, Pizan optou por não se casar novamente e abriu mão da vida em um monastério.²⁶ Sozinha, sem ajuda, ela encontrou na escrita uma fonte de conforto e sustento.²⁷ Começou por escrever poemas e baladas e logo seus escritos alcançaram uma boa

¹⁹ A autora da biografia ressalta que nem nas próprias obras de Christine, nem na documentação que ela levantou sobre sua vida é mencionado uma data precisa de seu nascimento. Cf. AUTRAND, op. cit., p. 13-14.

²⁰ Sobre a origem da família de Pizan Cf. WANDRUSZKA, Nikolai. The Family origins of Christine de Pizan: Noble lineage between city and *contado* in the Thirteenth and fourteenth centuries. In: HICKS, Eric (ed.). **Au champ des escriptures**. Ille Colloque International sur Christine de Pizan. Lousanne, 18-22 juillet, 1998. Paris: Honoré Champion, 2000.

²¹ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 16.

²² Sobre biblioteca de Charles V Cf. MARTINS, Wilson. **A Palavra escrita**. São Paulo: Ática, 1998. p. 88.

²³ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 80.

²⁴ AUTRAND, Françoise. France under Charles. In: JONES, Michael (ed.). **The New Cambridge Medieval History**. v. 6. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 425-429. Sobre os reinados de Charles V e VI conferir o artigo na íntegra.

²⁵ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 39-41.

²⁶ Ibid., p. 49.

²⁷ Ibid., p. 57.

recepção na corte e, deste modo, em quinze anos “ela fez para si um nome”²⁸ – Christine de Pizan – adotando publicamente o nome do pai.

Considerando os contextos distintos, diferentemente de outras autoras de seu tempo, ou mesmo de antes, como Heloísa (c. 1090 - 1164) e Hildegard von Bingen (1098-1179), Pizan não dependeu de uma vida de reclusão monástica para escrever suas obras e expor suas ideias.²⁹

Seus trabalhos adquiriram ainda mais o reconhecimento e o respeito do público conforme os anos. Ao longo de sua vida, escreveu aproximadamente 15 obras: poemas, tratados de educação, textos sobre moral e política, entre outros.³⁰ Pouco depois de escrever sua última obra – *Le Ditié de Jehanne d’Arc* (1429) – Christine vem a falecer por volta de 1430, no convento de Poissy, nas proximidades de Paris, onde passou seus últimos anos.³¹

Ainda em vida, a autora tinha um público leitor ávido, suas obras foram lidas e comentadas tanto na França, quanto na Itália e na Inglaterra.³² Após sua morte, mesmo antes do final do século XV, foram feitas traduções de seus escritos para outras línguas, entre elas o inglês e o português.³³ Com o advento da imprensa de Gutenberg (c. 1450) suas obras tiveram ainda mais alcance dado à maior acessibilidade do livro impresso.

O período em que ela viveu - os séculos XIV e XV – foi bastante conturbado na Europa: períodos de fome; epidemias; o Grande Cisma da Igreja Católica; a Guerra dos Cem Anos; entre outros.³⁴ Esses acontecimentos - somados ao fato dela ter crescido durante os reinados bem contrastantes de Charles V e VI, numa França dividida por interesses pelo poder e em guerra civil – influenciaram-na a escrever obras políticas, para aconselhar a sociedade. De acordo com Françoise Autrand,

²⁸ Tradução nossa de: “ele s’est fait un nom”. Ibid., p. 59.

²⁹ WUENSCH, Ana Mírian. **O Quê Christine de Pizan nos faz pensar?** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/16315/9344>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

³⁰ LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan: uma resistência no aprendizado da moral da resignação.** Tese. São Paulo: USP, 2008. p. 13.

³¹ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 438.

³² LEITE, op. cit., p. 83.

³³ Sua obra *Trois Vertus* foi traduzida para o português entre 1477 e 1455 a pedido da rainha D. Isabel de Portugal (1432-1455). Para uma cronologia mais completa das traduções e comentários feitos sobre as obras de Christine Cf. LEITE, op. cit., p. 73-83.

³⁴ Sobre o contexto do período Cf. LE GOFF, Jacques. Outono da Idade Média ou Primavera de tempos novos? In: _____. **As raízes medievais da Europa**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.; e WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera de Novos tempos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

Christine se voltou contra os problemas de seu tempo, pois acreditava que a solução para a desordem que observava estaria no esforço intelectual.³⁵

1.2 ESTADO DA ARTE

Christine de Pizan é uma autora bastante conhecida e pesquisada fora do país, porém, aqui no Brasil ela é pouco conhecida – os principais estudos feitos sobre ela e suas obras aqui foram conduzidos por Lucimara Leite, que estuda a aprendizagem da moral em suas obras, e Luciana E. F. Calado, que estuda o livro *Cité des Dames*.³⁶

Em sua pesquisa, Leite explica que a principal missão de Pizan era “restabelecer a dignidade feminina, principalmente fazendo-se ouvir pelos poderosos da época”,³⁷ pois para ela, “a origem da desigualdade entre homens e mulheres é de fundo social, devido ao fato de as mulheres terem tido seu acesso à educação negado e possuírem apenas experiências domésticas”.³⁸ Deste modo, Christine afirma que a exclusão da mulher seria determinada pelo não acesso à educação e “a falta de exercício na esfera pública”.³⁹

Calado estudou a construção da identidade feminina na obra christiniana e traduziu a obra *Cité des Dames* para o português. Para ela, as obras de Christine de Pizan não são apenas “escrituras sobre as mulheres, mas antes, escrituras das mulheres.”⁴⁰ Suas obras “representam sua própria história, suas emoções, suas afeições, suas virtudes, sua maior arma.”⁴¹

Entretanto esses estudos desconsideram aspectos importantes do pensamento político da autora e sua preocupação para com o futuro do reino em que vivia – questões atualmente em voga nos estudos internacionais sobre Pizan.

No que diz respeito estudos christinianos conduzidos no exterior, é relevante mencionarmos a publicação regular das atas dos colóquios organizados pela

³⁵ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 63.

³⁶ CALADO, Luciana E. de Freitas. **A cidade das damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e Tradução. Tese. Recife: UFPE, 2006; e LEITE, op. cit.

³⁷ LEITE, op. cit., p. 15.

³⁸ Ibid., p. 15.

³⁹ Ibid., p. 15.

⁴⁰ CALADO, op. cit., p. 31.

⁴¹ Ibid., p. 31.

Société Internationale Christine de Pizan, que proporciona a divulgação dos mais recentes estudos sobre a autora.⁴²

Das biografias sobre Pizan, destacamos a escrita por Françoise Autrand: *Christine de Pizan: une femme politique*⁴³. Neste livro Autrand explica as obras da autora, seu pensamento político e sua vida através do seu contexto político/histórico e da escassa documentação relacionada a ela e sua família, de maneira didática e, ao mesmo tempo, acadêmica. A biografia cobre algumas lacunas sobre sua vida e inclui pesquisas mais recentes sobre ela.

Dos pesquisadores que estudam Christine de Pizan, podemos salientar os trabalhos de Claude Gauvard sobre o pensamento político da autora perante os conflitos e mudanças políticas que a França enfrentou durante sua vida;⁴⁴ os estudos sobre as obras de Pizan, conduzidos por Liliane Dulac, abordando aspectos como a escrita de suas obras, suas opiniões políticas e sua condição feminina – ressaltamos aqui as discussões feitas pela autora sobre os mecanismos utilizados por Pizan para estabelecer seu lugar de fala e sua autoridade enquanto escritora;⁴⁵ e sobre a escrita de Christine, destacamos os estudos de Bernard Ribémont, que discute a didática e a compilação em suas obras.⁴⁶

Acerca do objeto de pesquisa deste trabalho há poucos estudos no exterior. Para além da tradução norte-americana do *Fais d'armes*, alguns artigos pontuais foram escritos por autores que estudam Christine de Pizan e sua obra em geral. Charity C. Willard (1914-2006) merece certo destaque, pois os artigos e comunicações feitos acerca desta obra abriram caminho para novos estudos da fonte nas últimas décadas do século XX.⁴⁷ Willard defendeu as acusações feitas

⁴² Cf. SOCIÉTÉ Internationale Christine de Pizan. Disponível em: <<https://societechristinedepizan.wordpress.com/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

⁴³ Em tradução nossa o subtítulo significa “uma mulher política”. AUTRAND, 2009, op. cit.

⁴⁴ Cf. GAUVARD, Claude. Christine de Pisan a-t-elle eu une pensée politique? À propos d'ouvrages récents. **Revue Historique**. T. 250, Fasc. 2 (out.-dec. 1973). p. 417-430; e GAUVARD, Claude. Christine de Pizan et ses contemporains. In: DULAC, Liliane. RIBÉMONT, Bernard (org.). **Une femme de lettre au Moyen Âge**. Études autour de Christine de Pizan. Orléans, Paradigme, 1995. p. 105-128.

⁴⁵ Cf. DULAC, Liliane. L'autorité dans les traités en prose de Christine de Pizan: discours d'écrivain, parole de prince. In: _____; RIBÉMONT, Bernard (org.). **Une femme de lettre au Moyen Âge**. Études autour de Christine de Pizan. Orléans, Paradigme, 1995. p. 15-24.

⁴⁶ Cf. RIBÉMONT, Bernard. Christine de Pizan écrivain didactique: la question de l'encyclopédisme. In: DOR, Juliette; HENNEAU (dir.). **Christine de Pizan, une femme de science, une femme de lettres**. Paris, Honoré Champion, 2008.

⁴⁷ Infelizmente não possuímos acesso a todas elas, somente aos artigos: WILLARD, Charity C. Christine de Pizan on the Art of Warfare. In: DESMOND, Marilyn (ed.). **Christine de Pizan and categories of difference**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1998. p. 3-15.; e WILLARD,

sobre Pizan ter copiado ou mal traduzido outras obras quando escreveu seu tratado militar. Essa crítica era recorrente e criou certo distanciamento dos estudiosos para com esta obra, deixando-a de lado.

Os trabalhos de Willard inspiraram a dissertação de Melissa A. Biederman em 1991, sobre a autoria do *Fais d'armes*, comparando-o com as obras as quais Pizan foi acusada de ter copiado.⁴⁸ A autora buscou demonstrar que o trabalho é original e criativo.⁴⁹

Sobre os estudos mais atuais relativos à fonte deste trabalho, destacamos a pesquisa de Hope Johnston a respeito da repercussão que a obra teve no século XVI na Inglaterra, a partir das cópias impressas e da tradução britânica de William Caxton (1422-1491).⁵⁰

Por fim, no primeiro semestre de 2016 foi lançado a obra “*Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge: Le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan*”, referente à jornada de trabalhos “*Autour du livre des Fais d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan*”, realizada em 2013 na Universidade de Surbonne Nouvelle Paris 3, na França.⁵¹

1.3 LE LIVRE DES FAIS D'ARMES ET DE CHEVALERIE

O livro foi escrito por Christine de Pizan em 1410. A datação da obra toma como base um trecho onde Christine, falando acerca dos julgamentos por combates, escreve “tu podes realmente saber que tal combate é proibido, por esse motivo, graças a Deus, o rei da França e seu bom conselho tomou conhecimento disso há *quatro anos*, por meio de que não pode mais ser usado em seu reino.” (Grifo nosso).

Charity C. Christine de Pizan's concept of the Just War. In: CORBELLARI, Marie-Thérèse B.; WAHLEN, Barbara (orgs.). “**Riens ne m'est seur que la chose incertaine**”. Etudes sur l'art d'écrire au Moyen Âge offertes à Eric Hicks. Genève: Slatkine, 2001. p. 253-260.

⁴⁸ BIEDERMAN, Melissa A. **The question of authorship of Christine de Pisan's war manual**, Le livre des fais d'armes et de chevalerie. Tese. Iowa: Iowa State University, 1991. Disponível em: <<http://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1162&context=rtd>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

⁴⁹ Ibid., p. 29-30.

⁵⁰ Tomamos conhecimento dos estudos de Hope Johnston no *IXe Colloque International Christine de Pizan* que aconteceu na Universidade de Louvain-la-neuve, na Bélgica, em julho de 2015. Conferir programação no website: <https://www.uclouvain.be/440742.html> (Acesso em: 24 nov. 2016).

⁵¹ Infelizmente não possuímos acesso à obra. Cf. DEMARTINI, Dominique; LE NINAN, Claire; PAUPERT, Anne; e SZKILNIK, Michelle (orgs.). **Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge: Le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan**. Paris: Honoré Champion, 2016.

De acordo com o tradutor do livro, Sumner Willard, o rei Charles VI fez uma lei em 1406 proibindo os julgamentos por combate no reino.⁵²

Pelo menos 18 exemplares manuscritos da obra, datados do século XV, sobreviveram. De acordo com Charity C. Willard dois deles são considerados os mais contemporâneos da data da composição do livro: o *Brussels, Bibl. Roy. MS 10476*, que foi utilizado por Sumner Willard na tradução de 1999 – a fonte deste trabalho; e o *Paris, Bibl. Nat. MS fr. 603*, que foi consultado por Françoise Autrand para a sua biografia de Pizan.⁵³ Acredita-se que o primeiro tenha sido feito por volta de 1410, enquanto que o segundo, por ter omitido menções a João, o Sem Medo (1371-1419), duque da Borgonha, possa ter sido escrito pouco depois da morte dele.⁵⁴

O *Fais d'armes* foi um *best-seller* na época.⁵⁵ Teve seu sucesso comparado a dois outros tratados da autora que foram destinados a mulheres: *Cité des Dames* (1404) e *Livre des Trois Vertus* (1405).⁵⁶ Mas ao contrário destes dois livros, o *Fais d'armes* foi destinado à “clientela cavaleiresca”.⁵⁷

De certo modo, parece incomum que uma mulher que escrevia para mulheres no século XV mudasse de público alvo e escrevesse um livro para cavaleiros. Entretanto, essa não foi a primeira vez que Pizan aborda assuntos de cunho político ou cavaleiresco em suas obras, como também não era a primeira vez que escrevia para outro público. Na sua biografia de Charles V (*Le livre des fais et bonnes meurs du sage roy Charles V*),⁵⁸ escrito em 1404, ela faz uma reflexão sobre o príncipe ideal o bom governo.⁵⁹ E mesmo na *Epistre d'Othea* (1400-1401), escrito

⁵² Tradução nossa de: “you can indeed know that such combat is forbidden, for which reason, God be thanked, the king of France and his good council took notice of this four years ago, whereby it can no longer be used in his kingdom.” (cap. VII, parte IV). PIZAN, op. cit., p.199.

⁵³ WILLARD, 2009, op. cit., p. 1-2; e AUTRAND, 2009, op. cit., p. 461. Sobre os manuscritos referidos Cf.: OUY, Gilbert; RENO, Christine; VILLELA-PETIT, Inès. **Album Christine de Pizan**. Turnhout: Brepols, 2012. p. 294-306 e 697-703.

⁵⁴ WILLARD, 2009, op. cit., p. 1-2.

⁵⁵ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 289.

⁵⁶ Ibid., p. 289.

⁵⁷ Tradução nossa de: “clientèle chevaleresque”. Ibid., p. 289.

⁵⁸ A obra foi encomendada pelo irmão de Charles V, Filipe, o audaz, duque da Borgonha (1342-1404) pra ajudar na educação do delfim Luís, duque de Guyenne (1397-1415), filho de Charles VI. No decorrer deste trabalho nos referiremos à obra, em algumas ocasiões, como *Charles V*. Cf. WILLARD, 2009, op. cit., p. 5.

⁵⁹ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 213 e 289.

para a juventude, ela propõe uma educação moral destinada a jovens cavaleiros, pois Christine via a cavalaria como uma das três virtudes que regem o mundo.⁶⁰

Para escrever o *Fais d'armes* Pizan utilizou como fonte obras que eram consideradas indispensáveis para um tratado militar na época. Dentre elas encontramos *Epitoma rei militaris* de Vegécio (século IV);⁶¹ *Facta et dicta memorabilis* de Valério Máximo (séculos I a.C. – I d.C.); o *Strategemata* de Frontino (c. 40-130 d.C.); obras de Santo Agostinho (354-430); o *Policraticus* de João de Salisbury (c. 111-1180); e também obras de autores contemporâneos como o *Arbre des Batailles* de Honoré Bouvet (1340-1410) e *Tractatus de bello, de represaliis et de duello* de João de Legnano (1320-1383).⁶²

Christine foi além da compilação e tradução das suas fontes. Ela não se ateuve à simples narração, teorizava, transformava seu texto em *exempla*, “acompanhado de um desenvolvimento sobre a arte militar”.⁶³ O livro “fala do presente e do futuro, da guerra moderna”⁶⁴ e apresenta uma maneira do seu tempo “de organizar uma hoste ou um campo para combater”.⁶⁵ Christine utiliza escritos de outrora como de Vegécio mostrando que algumas ideias de outrora ainda são úteis e aplicáveis em seu tempo.⁶⁶

Esta sua maneira de escrever e de expor suas ideias ganhou popularidade e se alastrou pelo tempo: uma edição impressa foi feita por Antoine Vérard (ativo 1485-1512) ainda em 1488; em 1489 o livro foi traduzido para o inglês por William Caxton (1422-1491); e outra edição impressa foi organizada por Phillipe LeNoir (séculos XV-XVI) em 1527.⁶⁷ Além disso, o livro pode ter influenciado a reforma feita no exército francês por volta de 1445.⁶⁸

Mas o que Christine discute em sua obra?

O livro está dividido em quatro partes. As primeiras páginas são dedicadas a um debate sobre a Guerra Justa. A autora discorre sobre alguns dos motivos que

⁶⁰ As outras duas virtudes são a Nobreza e a Sabedoria (*Noblesse et Sagesse*). Cf. AUTRAND, 2009, op. cit., p. 109, 290-291; e WILLARD, 2009, op. cit., p. 4.

⁶¹ De nos referiremos a esta obra, no decorrer deste trabalho, apenas como *Epitoma*.

⁶² WILLARD, 2009, op. cit., passim; e AUTRAND, 2009, op. cit., p. 289-297.

⁶³ Tradução nossa de: “accompagné d’un développement sur l’art militaire”. AUTRAND, 2009, op. cit., p. 291.

⁶⁴ Tradução nossa de: “parle du présent et de l’avenir, de la guerre moderne”. Ibid., p. 293.

⁶⁵ Tradução nossa de: “d’arranger ost ou champ pour combattre”. *Paris, Bibl. Nat. MS fr. 603* apud AUTRAND, 2009, op. cit., p. 293.

⁶⁶ WILLARD, 2009, op. cit., p. 3

⁶⁷ Ibid., p. 2-3.

⁶⁸ Ibid., p. 8.

podem levar a um conflito justo e quem pode declarar guerra contra um rival, apoiando a opinião corrente de que a Guerra Justa só poderia ser travada por um governante legítimo, “não como um indivíduo, mas como um chefe de estado, responsável pelo bem-estar de seus súditos.”⁶⁹ Uma guerra legítima, de acordo com Pizan, só poderia ser travada contra usurpações e opressões, para a obtenção de justiça.⁷⁰

Ainda na primeira parte a autora analisa as qualidades necessárias para um bom comandante militar (o Condestável⁷¹), onde ela particulariza a necessidade de treinar os combatentes desde jovens para que estes se acostumem com a rotina dura de treinamento e com a sobriedade e austeridade exigida dos guerreiros naquela época.

A segunda parte da obra é principalmente voltada para campanhas de cerco e navais. Aqui o cerco ganhou destaque. Sua principal fonte é Vegécio. Christine utiliza-o comparando técnicas romanas com as de sua época. Charity C. Willard enfatiza a excepcionalidade desta parte do livro, pois Pizan provém uma série de listas com tudo o que é necessário para proteger uma cidade ou castelo contra o cerco.⁷²

As duas últimas partes do *Fais d'armes* abarcam questões legais da guerra, onde a autora faz grande uso da obra de Honoré Bouvet *Arbre des Batailles*. As últimas páginas são dedicadas à discussão sobre salvos-condutos e julgamentos por combate. Willard ressalta que a intenção de Christine com estas duas partes da obra era de promover a ideia de que todos os combatentes de uma guerra estão conectados a certas regras de combate aceitas pela sociedade, tais regras devem ser conhecidas por todos os envolvidos na guerra.⁷³

No primeiro capítulo deste trabalho abordamos os motivos que levaram Christine de Pizan a escrever o *Fais d'armes*, através do contexto político da França na época. A partir dessas informações buscamos explicar como as intenções da autora se traduziram no seu modo de escrita didático e como o uso das *auctoritates*

⁶⁹ Tradução nossa de: “not as an individual, but as a head of state responsible for the welfare of his subjects.” Ibid., p. 6.

⁷⁰ Ibid., p. 6.

⁷¹ Para o caso francês, o Condestável (*Connétable*) é o primeiro grande oficial militar da coroa, é o chefe da armada. Cf. SICARD, François. **Histoire des Institutions Militaires des français**. Premier Tome. Paris: J. Corréard, 1834. Disponível em: <<https://books.google.fr/books?id=EkxHAAAAYAAJ&hl=pt-BR&pg=PR7#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 29 jul. 2016. p.156-160.

⁷² Este trecho será discutido brevemente no tópico 2.3.1. WILLARD, 2009, op. cit., p. 7.

⁷³ Ibid., p. 8.

ajudaram-na a afirmar sua autoridade enquanto escritora e a se defender de acusações contra sua obra.

No segundo capítulo procuramos esclarecer como funcionava a leitura no medievo de modo a buscar indícios de que Pizan escreveu para um público mais amplo. Desta forma pudemos analisar a obra através do público alvo que a autora tinha em mente: para aqueles que possam ler ou ouvir ler seu livro. Para isso, também foi preciso investigar quem era esse público, tanto para a época de Christine quanto para o *Fais d'armes*: homens de armas, cavaleiros e nobres. Diante dessas observações pudemos, assim, traçar o perfil do guerreiro ideal para autora em sua obra.

2 A OBRA: INSPIRAÇÃO, ESCRITA E *AUCTORITATES*

Embora o *Fais d'armes* não tenha sido a primeira obra de Christine de Pizan a abordar assuntos políticos, este livro possui diferenças em relação aos anteriores. É o primeiro trabalho em que ela se dedica exclusivamente a assuntos militares e que foi destinado à clientela cavaleiresca.⁷⁴

Neste capítulo discutiremos os motivos que levaram a autora a escrever sua obra e como essas intenções se traduziram em sua escrita didática. Dentro deste assunto também é pertinente abordar como as *auctoritates* são trabalhadas no livro.

2.1 UMA CONJUNTURA CONTURBADA COMO INSPIRAÇÃO

Robert H. Lucas, na introdução da edição crítica de 1967 do *Livre du Corps de Policie* (1407) de Christine de Pizan, afirma que a maioria das obras da autora elaboradas após 1405 se opõem à guerra civil que a França enfrentava no período.⁷⁵ Portanto, para podermos compreender as obras de Pizan do começo do século XV, precisamos entender a situação interna da França na época.

Charles VI era nominalmente o rei, mas sua instabilidade mental o incapacitava de governar de fato. Essa situação pôs em questão quem realmente administraria o reino em seu nome, encorajando uma disputa entre o irmão do rei, “o jovem e inexperiente” Luís, duque de Orléans (1372-1407), e “o veterano das guerras flamengas e inglesas”, Filipe, o Audaz, duque de Borgonha, seu tio.⁷⁶

A situação do reino à beira de uma guerra civil se agrava quando Filipe morre em 1404 e seu filho João, o Sem Medo, assume a disputa e manda matar

⁷⁴ BOULTON, D'A. Jonathan D. The Treatise on Armory in Christine de Pizan's *Livre des fais d'armes et de chevalerie*. In: Kennedy, Angus J. (ed.). **Contexts and Continuities**. Proceedings of the IVth International Colloquium on Christine de Pizan... Glasgow: University of Glasgow Press, 2001, v. 1. p. 87.

⁷⁵ O título do livro significa, em tradução nossa, “O livro do corpo político”. LUCAS, Robert H. Introduction. In: PISAN, Christine de. **Le Livre du Corps de Policie**. Ed. Crítica por LUCAS, Robert H. Genebra: Librairie Droz; Paris: Librairie Minard, 1967. p. IX.

⁷⁶ Tradução nossa de: “le jeune et inexpérimenté” e “le vétéran des guerres flamandes et anglaises”. LUCAS, op. cit., p. IX. A disputa entre os duques originou uma guerra civil entre 1407 e 1435, conhecida como a Guerra Civil dos Armagnacs e Borguinhões. Para mais informações Cf. AUTRAND, 2000, op. cit.

Luís de Orléans em 1407.⁷⁷ O plano do duque é descoberto e ele foge de Paris, mas retoma sua influência sobre o reino no ano seguinte.⁷⁸

Lucas explica que Christine está ciente e preocupada com esta situação.⁷⁹ Suas obras naquele momento refletem seu desejo pela paz.⁸⁰ E, conforme acrescenta Berenice A. Carroll, seus escritos inovam em diversos ângulos o estudo moderno sobre a paz e a guerra, condenando fortemente os males da guerra, antecipando inclusive a retórica de pacifistas após seu tempo como Erasmus de Roterdã (1466-1536).⁸¹ Mesmo antes de a guerra civil estourar, ela exprime suas preocupações à rainha Isabel da Baviera (1370-1435), informando as necessidades do povo perante aos acontecimentos e suplicando-lhe para assegurar a paz entre os duques.⁸²

Willard descreve João, o Sem Medo, como um homem ambicioso e um dos poucos nobres franceses com um bom conhecimento de estratégia militar.⁸³ Quando retorna a Paris, ele ganha influência sobre a rainha Isabel, que o nomeia guardião do delfim Luís, duque de Guyenne – que desde criança foi alvo da disputa dos duques que queriam controlá-lo e assim ter seus próprios interesses servidos uma vez que ele fosse rei.⁸⁴

Uma vez tendo controle sobre o delfim e sendo o encarregado de sua educação, o duque cerca-o de conselheiros favoráveis aos seus ideais.⁸⁵ Charity C. Willard propõe que foi o duque de Borgonha quem pensou em uma educação em liderança militar para Luís.⁸⁶ E muito se indica que ele foi quem encomendou o *Fais d'armes* à Christine de Pizan, pois provavelmente já estava familiarizado com o trabalho da autora, uma vez que foi seu pai, que encomendou a biografia de Charles V a ela – com o mesmo propósito de que o livro ajudaria na educação do delfim.⁸⁷

⁷⁷ WILLARD, 1998, op. cit., p. 10.

⁷⁸ Ibid., p. 10.

⁷⁹ LUCAS, op. cit., p. IX.

⁸⁰ Ibid., p. IX.

⁸¹ CARROLL, Berenice A. On the causes of war and the quest for peace: Christine de Pizan and early peace theory. In: HICKS, Eric (ed.) **Au champ des escripture**. III^e Colloque International sur Christine de Pizan. Lousanne, 18-22 juillet, 1998. Paris: Honoré Champion, 2000. p. 343-344.

⁸² Na *Lettre à Isabeau de Bavière* (1405). LUCAS, op. cit., p. IX.

⁸³ WILLARD, 2009, op. cit., p. 3.

⁸⁴ Ibid., p. 3.

⁸⁵ Ibid., p. 3.

⁸⁶ Ibid., p. 4.

⁸⁷ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 213 e 289; WILLARD, 1998, op. cit., p. 11; e WILLARD, 2009, op. cit. p. 4.

A situação conflituosa do reino francês motivou Christine a escrever, em 1407, o *Livre du corps de policie* – “um tratado geral sobre a educação das crianças nobres e um *livro de boas maneiras*”⁸⁸ (grifo do autor) – dedicado a Charles VI e seus filhos, especificamente ao duque de Guyenne.⁸⁹ Assim, podemos perceber claramente que as preocupações de Pizan em relação à situação política da França acabaram concordando com os planos do duque de Borgonha para a educação do delfim.

Entretanto, apesar das intenções que João, o Sem Medo, tinha ao encomendar a obra, Christine não se ateve apenas ao que lhe foi solicitado quando a escreveu e deu voz às suas próprias ideias. Encorajada pelos seus trabalhos anteriores ela comprometeu-se a falar no livro sobre

o mais honrado ofício de armas e cavalaria, não apenas detalhando àquilo que a ele pertence, mas também tratando dos direitos relativos a ele, conforme o estabelecido em diversas leis e por vários autores.⁹⁰

Christine de Pizan teve o intuito de aconselhar e instruir não apenas Luís de Guyenne, mas combatentes de modo geral – os quais eram provavelmente incapazes de ler e podiam “ouvir seu texto lido em voz alta.”⁹¹

Para ela era imprescindível “fomentar a ideia de que na guerra todos os combatentes devem estar sujeitos a certas regras, geralmente aceitas, de conduta”,⁹² por essa razão, é necessário que todos compreendam tais condutas, assim como é fundamental ter noções básicas de estratégia militar, saber da importância do treinamento constante e, principalmente, ter noção se a guerra que está sendo travada é justa ou não.

⁸⁸ Tradução nossa de: “un traité general sur l’éducation des enfants nobles, et un *livre des manières*” (grifo do autor). LUCAS, op. cit., p. XII.

⁸⁹ Ibid., p. XII.

⁹⁰ Tradução nossa de: “of the most honorable office of arms and chivalry, not only detailing those things that belong with it, but also treating the rights pertaining to it, as set forth in divers laws and by several authors”. (cap. I, parte I). PIZAN, op. cit., p.12.

⁹¹ Tradução nossa de: “hear her text read aloud”. WILLARD, 2009, op. cit., p. 5. Abordaremos melhor a leitura na Idade Média no próximo capítulo.

⁹² Tradução nossa de: “to promote the idea that in warfare all combatants should be bound by certain generally accepted rules of conduct”. WILLARD, 1998, op. cit., p. 14.

Tendo esses objetivos em mente, Pizan reúne “fatos e assuntos de vários livros” para escrever sua obra.⁹³ Levando em consideração o fato que “militares e especialistas leigos na arte da cavalaria geralmente não são clérigos ou escritores instruídos na ciência da linguagem”, ela tem a “intenção de tratar o assunto linguagem mais simples possível”, para que todos a compreendam.⁹⁴ Christine deixa claro que seu objetivo ao escrever era educacional, pois era “necessário lembrar dos males e da crueldade da guerra, para evitá-los no futuro”.⁹⁵

2.2 A DIDÁTICA CHRISTINIANA

A maneira de escrever de Pizan, desenvolvida ao longo de sua carreira, foi alvo de diferentes estudos. Nadia Margolis afirma que ela dedicaria sua carreira para desenvolver “um estilo discursivo que transmitisse visão espiritual e intelectual, em uma forma agradável e acessível, sem perder a persuasão argumentativa.”⁹⁶ Assim, para que todos compreendam, Christine escreve em língua vernácula, para popularizar o conhecimento sobre os diversos assuntos abordados em suas obras.⁹⁷ Em relação ao *Fais d'armes*, observamos essa intenção de fazer com que a obra seja acessível, principalmente àqueles que não sabem ler, mas podem ouvir o livro ser lido em voz alta.

Percebemos inúmeras vezes esta intenção durante a leitura da fonte. Por exemplo, quando a autora, ao dissertar sobre maneiras de se dispor as tropas no local do combate, explicando brevemente as diferenças entre o tempo de Vegécio e o dela, escreve:

(...) como não há nada na ordem da natureza humana que, no decorrer do tempo não altera e muda, parece-me uma boa ideia falar brevemente e em *termos compreensíveis*, de ordens [de dispor uma armada em campo de batalha], comuns nestes tempos, pois eles são

⁹³ Tradução nossa de: “facts and subject matter from various books”. (cap. I, parte I). PIZAN, op. cit., p. 12.

⁹⁴ Tradução nossa de “military and lay experts in the aforesaid art of chivalry are not usually clerks or writers who are expert in language” e “I intend to treat the matter in the plainest possible language”. (cap. I, parte I). Ibid., p. 12.

⁹⁵ Tradução nossa de: “it is necessary to remember the evils and cruelty of war if it is to be avoided in the future”. CARROLL, op. cit. p. 355.

⁹⁶ Tradução nossa de: “a discursive style for conveying spiritual and intellectual insight in an agreeable, accessible manner, without losing argumentative persuasiveness”. MARGOLIS, Nadia. Christine de Pizan: The Poetess as Historian. **Journal of the History of Ideas**, v. 47, n. 3 (jul.-set., 1986). Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2709658>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 361.

⁹⁷ AUTRAND, 2009, op. cit., p. 289.

conhecidos bem o suficiente por aqueles que portam armas: (...).⁹⁸
(cap. XIII, parte I). (Grifo nosso).

Podemos citar também capítulo XXIX, parte I, onde há um breve resumo sobre o que foi discutido até então, para recordar o leitor os assuntos discutidos até aquele momento.⁹⁹ E o capítulo XXI, parte II, no trecho que a autora aborda como funcionam as campanhas de cerco no seu tempo, ela especifica que,

para dar uma instrução mais específica, não para aqueles que já estão informados, mas para aqueles que no futuro poderão ler ou ouvir ler este [trabalho], pelo desejo de aprender (...) me parece uma boa ideia mostrar n[est]a obra, em maior detalhe, o que pode ser bom e útil para atacar fortificações, castelos e cidades, de acordo com os atuais costumes, de modo a fornecer exemplos mais compreensíveis.¹⁰⁰

E ainda, foi, provavelmente, visando à compreensão de todos que Pizan escreveu as duas últimas partes do *Fais d'armes* em forma de diálogo entre ela e seu mestre, sobre leis pertinentes à discussão do livro – assuntos normalmente tratados em obras acadêmicas de difícil entendimento para determinados públicos.¹⁰¹

Preocupada com a questão da originalidade de sua obra, Pizan argumentava, em diversos textos, que escrevia “como um arquiteto”, usando “o tijolo, a pedra, a argamassa e a madeira fornecida por outros para construir um novo edifício, uma nova criação”.¹⁰² No *Fais d'armes* ela utiliza uma metáfora parecida para justificar a maneira que escreveu seu trabalho: “assim como o construtor que já montou várias fortificações, é ousado o suficiente para construir um castelo ou

⁹⁸ Tradução nossa de: “as there is nothing in the order of human nature that in the course of time does not alter and change, it seems to me a good idea to speak briefly and in understandable terms of orders common in these times, as they are well enough known to those who bear arms”. (cap. XIII, parte I). PIZAN, op. cit., p. 65.

⁹⁹ Ibid., p. 78.

¹⁰⁰ Tradução nossa de: “to give more particular instruction, not to those who are already informed, but to those who in the future may read this or hear it read through desire to learn (...) it seems to me a good idea to show in the work in greater detail things that may be good and useful for attacking strongholds, castles, and towns according to present-day usages, in order to provide more comprehensible examples.” (cap. XXI, parte II). Ibid., p.117.

¹⁰¹ WILLARD, Charity C. “Notes on Christine de Pisan's Treatise on Warfare”. In: HARPER, Christopher-Bill; e HARVEY, Ruth (ed.). **The Ideals and Practice of Medieval Knighthood: papers from the first and second Strawberry Hill Conferences**. Dover: Boydell Press, 1986. p. 180. apud BIEDERMAN, op. cit., p. 13. Sobre o diálogo entre Pizan e seu mestre, discutiremos melhor o assunto no ponto 2.3.2.1.

¹⁰² Tradução nossa de: “like an architect, she used the bricks, stone, mortar, and wood provided by others to construct a new edifice, a new creation”. CARROLL, op. cit., p. 338-339.

fortaleza, quando ele sente que tem os materiais para realizar o trabalho.”¹⁰³ As metáforas do arquiteto e do construtor também nos explicam o método que Christine utiliza em seus trabalhos políticos: a compilação.

Em suas obras políticas Pizan receava ser contestada enquanto mulher por se aproximar deste território, por isso faz uso de diversas ferramentas para afirmar sua autoridade enquanto escritora, bem como para justificar o motivo pela qual ela aborda tais assuntos que não eram considerados próprios de seu escopo na época.¹⁰⁴

Bernard Ribémont explica que encontramos em seus textos, de modo implícito, “a reivindicação tradicional do *compilador*” (grifo nosso) que coloca um pouco do seu próprio pensamento em sua obra.¹⁰⁵

De acordo com as palavras de Isidoro de Sevilha um compilador na Idade Média “é aquele que mistura as coisas ditas por outro com as suas próprias”.¹⁰⁶ Justamente o que Pizan faz no *Fais d’armes* – esta é uma de suas principais ferramentas de escrita.

Reconhecer Christine como uma compiladora não significa desvalorizar suas obras. Para Tania Van Helmelryck, a compilação aqui não representa uma submissão de pensamento ou uma cópia, mas sim os resultados de uma extensa pesquisa que “exige reduções, amplificações, demonstrações” e “implica a apropriação e a organização do material” lido para a confecção de algo novo.¹⁰⁷ É, nessa época, uma maneira de afirmar autoridade de quem escreve – uma das exigências necessárias para construir uma obra como o *Fais d’armes*.

A compilação enquanto metodologia nos leva a outro mecanismo de afirmação muito importante em seus trabalhos: a *auctoritas*. Os escritores medievais, em sua maioria, recorriam frequentemente a citações de obras antigas quando

¹⁰³ Tradução nossa de: “just as the builder who has already put up several strongholds is bold enough to construct a castle or fortress when he feels he has the materials to accomplish the work”. (cap. I, parte I). PIZAN, op. cit., p. 12.

¹⁰⁴ Sobre as ferramentas de discurso utilizadas por Christine de Pizan para afirmar sua autoridade em suas obras em prosa Cf. DULAC, 1995, op. cit.

¹⁰⁵ Tradução nossa de: “la revendication traditionnelle du compilateur”. RIBÉMONT, op. cit., p. 71.

¹⁰⁶ Tradução nossa de: “est celui qui mélange des choses dites par d’autre avec les siennes propres”. SEVILHA, Isidoro de. **Étymologies**. [S.l : s.n, s.d.] p. 44. apud RIBÉMONT, op. cit., p. 74.

¹⁰⁷ Tradução nossa de: “exige des réductions, des amplifications, des démonstrations” e “sous-entend une appropriation et une organisation de la matière”. VAN HEMELRYCK, Tania. Christine de Pizan et la Paix: La rhétorique et les mots pour le dire. In: HICKS, Eric (ed.). **Au champ des écritures**. Ille Colloque International sur Christine de Pizan. Lousanne, 18-22 juillet, 1998. Paris: Honoré Champion, 2000. p. 681.

escreviam, como garantia da verdade e de credibilidade.¹⁰⁸ Muitas vezes, elaborar um texto “significava reproduzir uma *auctoritas*”, que podia ser derivada da Bíblia, de padres e outras autoridades da Igreja, ou mesmo de escritores “clássicos” gregos, árabes ou latinos.¹⁰⁹

Michel Zink afirma que no medievo somente a escrita tinha autoridade.¹¹⁰ Por este motivo, os escritores daquele tempo tendem a retirar de obras anteriormente feitas o material para a suas próprias.¹¹¹ Ernst Curtius propõe ainda que, para a época, as *auctoritates* eram intemporais e todas tinham o mesmo valor.¹¹² O respeito pela sua figura era tão grande que “qualquer fonte era considerada boa.”¹¹³

Todas as obras que Christine de Pizan utiliza para a sua compilação são também *auctoritates*. Tânia Van Helmeryck explica que Christine “se refere às palavras dos Anciões, reconhecidos e admirados por seus concelhos”, para poder, por sua vez, fornecer seus concelhos, orientações e opiniões ao público alvo de cada livro.¹¹⁴

2.3 AS *AUCTORITATES* DA OBRA

As *auctoritates* são um modo de afirmação de autoridade e também a fonte de inspiração de Pizan. Christine busca pela *auctoritas* para validar seus argumentos, bem como para encontrar partidários na discussão de temas considerados importantes para ela.¹¹⁵

Charity Cannon Willard, na introdução do *Fais d'armes*, afirma que, as fontes que ela normalmente recorria ao produzir seus trabalhos “teriam estado disponíveis

¹⁰⁸ BORSARI, Elisa. Auctor y auctoritas: apuntes sobre la traducción de los clásicos durante la Edad Media. **Actas XIII Congreso AHLM**. Valladolid, 2010. p. 455–467. Disponível em: <https://www.academia.edu/2157796/Auctor_y_auctoritas_apuntes_sobre_la_traducci%C3%B3n_de_los_cl%C3%A1sicos_durante_la_Edad_Media>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 457.

¹⁰⁹ Ibid., p. 458.

¹¹⁰ ZINK, Michel, Literatura(s). In: LE GOFF, Jacques; SCHIMMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2002. v. 2. p. 81.

¹¹¹ Ibid., p. 81.

¹¹² CURTIUS, Ernst R. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1996. p. 88-89.

¹¹³ Ibid., p. 88-89.

¹¹⁴ Tradução nossa de: “se réfère à la parole des Anciens, reconnus et admirés pour leurs conseils”. VAN HEMELRYCK, op. cit., p. 677.

¹¹⁵ BIEDERMAN, op. cit., p. 16.

na Biblioteca Real no Louvre”,¹¹⁶ pois sua conexão com a corte francesa teria lhe possibilitado o acesso às obras que necessitava.¹¹⁷

Como mencionamos na introdução deste trabalho, Pizan provavelmente utilizou para a confecção de seu tratado militar diversas obras,¹¹⁸ neste trabalho destacaremos brevemente o *Epitoma* e o *Arbre de Batailles*, uma vez que são as fontes mais utilizadas pela autora na obra.

2.3.1 Vegécio e a *Epitoma rei militaris*

A *Epitoma* foi uma obra muito recorrente em trabalhos de Christine como o *Chemin de longue étude* (1402-1043) e o *Livre du corps de policie*, mas é no *Fais d'armes* que o livro é utilizado com mais intensidade.¹¹⁹

O autor desta obra, Flávio Vegécio Renato, é uma figura enigmática que viveu em meados do século IV. Devido às poucas informações pessoais encontradas em suas obras, sabe-se muito pouco a seu respeito.¹²⁰ Através de seu nome, deduz-se que Vegécio era um alto funcionário imperial, cristão e de possível origem hispânica.¹²¹ João Gouveia Monteiro e José Eduardo Braga, tradutores da edição lusitana da *Epitoma*, também o descrevem como um alto funcionário, culto e versátil, que provavelmente foi um criador de cavalos (por conta do tratado de veterinária atribuído a ele). Entretanto, destacam que Vegécio não foi um comandante militar. Marcello Giacomoni completa que o autor se pautou “quase que exclusivamente em sua erudição” para escrever seu tratado.¹²²

O livro foi compilado em algum ponto entre os anos de 380 e 450 d.C.¹²³ Assim como o *Fais d'armes*, a *Epitoma* também é dividida em quatro partes: a primeira diz respeito ao recrutamento e treinamento das tropas; a segunda descreve

¹¹⁶ Tradução nossa de: “would have been available in the Royal Library in the Louvre”. WILLARD, 2009, op. cit., p. 4.

¹¹⁷ Ibid., p. 4.

¹¹⁸ Ibid., passim; e AUTRAND, 2009, op. cit., p. 289-297.

¹¹⁹ WILLARD, 2009, op. cit., p.5.

¹²⁰ Além da *Epitoma*, atribui-se ao autor a obra *Digesta Artis Mulomedicinae*, um tratado de medicina veterinária sobre doenças equinas. MONTEIRO, João Gouveia; BRAGA, José Eduardo. **Vegécio: Compêndio da Arte Militar**. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009. p. 87.

¹²¹ Ibid., p. 71.

¹²² GIACOMONI, Marcello Paniz. **Ecos de uma tradição: a ideia de decadência na obra *Epitoma Rei Militaris* de Flavius Vegetius Renatus**. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2011. p. 10.

¹²³ ALLMAND, Christopher. Vegetius' *de re militari*: Military Theory in Medieval and Modern Conception. **History Compass**, v. 9, n. 5, Maio, 2011. p. 398. Para uma explicação detalhada sobre a datação da *Epitoma* Cf. MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 92-95.

a organização da Legião romana; a terceira aborda estratégias e táticas militares; por fim, a quarta parte aborda técnicas ofensivas e defensivas de cerco e táticas de batalha naval.¹²⁴ Algumas edições medievais da obra dividem a última parte em duas, para facilitar a compreensão.¹²⁵

O livro é um compendio “técnico-descritivo-histórico” sobre a milícia romana anterior à época do autor, escrito a partir de fontes clássicas, destinado para servir de base para uma reforma do exército e foi dedicado ao Imperador romano.¹²⁶

Vegécio sentiu a crise no Império e no exército, e ofereceu, portanto, ferramentas para lutar contra ela. O oficial romano prega pelo retorno às instituições militares da antiga glória romana.¹²⁷ Compilando ideias de grandes estrategistas de seu passado, o autor não constrói um tratado que abarca toda a arte militar, ele apenas aborda o que considera deficiente na organização militar de seu tempo, como operações de cerco, por exemplo.¹²⁸

Apesar das intenções de Vegécio, não se sabe se seus conselhos foram ouvidos na época.¹²⁹ Entretanto, sabe-se que a *Epitoma* foi muito lida e copiada nos séculos posteriores, ao ponto de ser considerada uma bíblia da estratégia de guerra no decorrer do medievo.¹³⁰

A influência da obra de Vegécio na sociedade medieval é tamanha que alguns autores como Christopher Allmand e João Gouveia Monteiro alertam para o perigo de definir toda e qualquer operação militar na época como uma “estratégia vegeciana”.¹³¹ Monteiro ressalta que podemos sim aplicar a estratégia vegeciana a diversos períodos e lugares, “em resultado da sua dependência intrínseca da natureza (e da respectiva sazonalidade), das limitações técnicas, da prioridade dada à defesa do território, etc.”¹³² Mas ressalva que, apesar de podermos reconhecer estratégias e técnicas da *Epitoma* “nos procedimentos militares dos generais medievais do Ocidente europeu ao longo de toda a Idade Média”, não quer dizer que todas elas são necessariamente provenientes de um conhecimento direto ou indireto

¹²⁴ SHARDER, Charles R. The influence of Vegetius' *De re militari*. **Military Affairs**, v. 45, n. 4, dec., 1981. p. 168.

¹²⁵ MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 99.

¹²⁶ GIACOMONI, op. cit., p. 9.

¹²⁷ Ibid., p. 11.

¹²⁸ Ibid., p. 11.

¹²⁹ Ibid., p. 12.

¹³⁰ ALLMAND, op. cit., p.398.

¹³¹ Cf. ALLMAND, op. cit. e MONTEIRO, João Gouveia. Vegécio e a prática militar medieval: influencia real e condicionalismos. **Biblos**, v. 7, 2009.

¹³² MONTEIRO, op. cit., p. 73.

da obra de Vegécio, pois “a experiência concreta da guerra, as condições objectivas em que ela se desenrolava e o simples bom senso podiam, por si sós, conduzir à implantação de tais procedimentos.”¹³³ Apesar disso, percebemos que a influência das ideias vegecianas no *Fais d’armes* é evidente.

2.3.1.1 A influência vegeciana no *Fais d’armes*

Em vários momentos das suas obras Christine de Pizan escreve que é de Vegécio que ela tira sua sabedoria. No *Fais d’armes* o autor é usado como fonte em diversos momentos, principalmente na primeira metade da obra. A influência vegeciana nesta obra é tão explícita que durante muito tempo Christine foi acusada de fazer uma cópia ou tradução mal feita da *Epitoma*.¹³⁴

Pizan, entretanto, não teve intenção de fazer uma tradução do trabalho de Vegécio. Por ser considerada uma obra de referência,¹³⁵ ela não poderia ter deixado de ser utilizada na compilação da autora. Além do mais, na Idade Média havia várias traduções disponíveis do tratado, inclusive para o francês e, provavelmente, Christine utilizou a tradução de Jean de Vignay (c. 1283 - 1340), feita no século XIV.¹³⁶

Ademais, as duas primeiras partes de sua obra não são compostas inteiramente por ideias vegecianas. Após a apresentação da obra, Christine disserta sobre a guerra justa, provavelmente utilizando como base as ideias de Santo Agostinho e João de Legnano.¹³⁷ Na segunda parte, a autora começa descrevendo grandes feitos de guerra dos antigos, utilizando o *Strategemata* de Frontino, como exemplo e fonte de inspiração para seus leitores.¹³⁸

Na primeira parte da obra Vegécio é utilizado principalmente no que diz respeito à escolha de líderes militares (principalmente do Condestável), ao treinamento das tropas – ponto posto em evidência por Pizan –, à movimentação de um exército até o campo de batalha e, por fim, à maneira como se deve dispor a

¹³³ Ibid., p. 73-74.

¹³⁴ WILLARD, 2009, op. cit., p. 2.

¹³⁵ Ibid., p. 2.

¹³⁶ Sobre as traduções francesas da *Epitoma* na Idade Média Cf.: MONTEIRO, op. cit., p. 114; e WILLARD, 2009, op. cit., p. 2.

¹³⁷ WILLARD, 2009, op. cit., p. 6.

¹³⁸ Cf. PIZAN, op. cit., p. 81.

armada no campo antes do combate – trecho onde a autora compara as táticas constantes na *Epitoma* com as práticas no seu tempo.

Na segunda parte as ideias vegecianas estão presentes na discussão acerca das operações de cerco e das batalhas navais. No que diz respeito ao primeiro assunto, Christine compara as práticas descritas por Vegécio às praticas correntes em sua época. Aqui a autora acrescenta algo que é considerado excepcional para os que estudam operações de guerra na Idade Média: uma lista com materiais necessários para que cerca de 200 homens de armas e seus serviçais se defenderem de um cerco por seis meses.¹³⁹ Esta lista (capítulo XVI, parte II)¹⁴⁰ foi provavelmente montada com a ajuda de “sábios cavaleiros” que ela indica no capítulo XXI, parte II, mas não menciona seus nomes para protegê-los, pois, segundo Christine de Pizan, “não agrada as suas humildades serem mencionados aqui pelo nome.”¹⁴¹ Este é com certeza um momento do livro onde podemos perceber experiências de vida da autora, que a ajudam a elaborar o livro e que dão a ela autoridade para tal.

Ao analisarmos as notas do tradutor do *Fais d'armes*, Sumner Willard, percebemos que Christine fez grande uso dos livros I e III da *Epitoma* na primeira parte de sua obra, e na segunda parte, o livro IV foi o mais utilizado com fonte. O livro II da obra de Vegécio quase não é mencionado.

Assim, podemos perceber, quando olhamos com atenção para as fontes, que a autora do *Fais d'armes* não teve intenção de copiar ou traduzir a *Epitoma* – ela seleciona as partes que julga mais importantes para embasar suas opiniões. Em algumas ocasiões a própria autora escreve a parte da obra de Vegécio que lhe serviu de base para suas ideias.¹⁴² Para as demais, S. Willard propõe ao leitor trechos de onde possivelmente vêm as citações feitas por Christine, utilizando a tradução britânica da *Epitoma* feita por N. P. Milner em 1993.¹⁴³

Apesar de estarmos trabalhando com diferentes traduções da obra de Vegécio, podemos verificar que a autora parafraseia as ideias contidas no *Epitoma*,

¹³⁹ Cf. Ibid., p. 110-126.

¹⁴⁰ Ibid., p. 112-114.

¹⁴¹ Tradução nossa de: “it does not please their humility to be mentioned here by name.” (cap. XXI, parte II). Ibid., p.117. Cf. nota do tradutor número 73 (p. 110).

¹⁴² No capítulo VIII, parte I e capítulo IX, parte I. Cf. Ibid., p. 28, 30.

¹⁴³ Não obtivemos acesso a essa tradução, portanto estaremos utilizando a tradução lusitana de Monteiro e Braga, já mencionada, para os trechos sugeridos por Sumner Willard.

de modo a simplificar ou explicar de maneira detalhada os pontos que lhe convém da sua fonte.

Isto acontece, por exemplo, na primeira vez que o nome de Vegécio aparece em *fais d'arme* (cap. VII, parte I). Christine de Pizan discute a escolha do Condestável, afirmando que “nada tem maior importância que a escolha de líderes militares” e destaca a importância da experiência e do treinamento constante que são requisitos essenciais para o comandante, citando: “como diz Vegécio, a idade por si só não dá qualquer garantia de habilidade e conduta de combate, mas sim a experiência”.¹⁴⁴ Para este extrato Sumner Willard propõe que tal citação é proveniente do cap. XXVI, livro III, da *Epitoma*, no trecho que diz: “A natureza gera um número reduzido de homens corajosos, mas uma boa instrução e o trabalho produzem muitos”¹⁴⁵ – percebemos que a mesma ideia se faz presente em ambos os casos: é preciso ter experiência para ocupar este cargo.

Outro exemplo, no capítulo seguinte (cap. VIII, parte I), onde a autora destaca a importância do treinamento em armas, ao começar o tópico Christine diz: “como muitos autores que trataram este assunto me ajudaram a falar disto, citarei suas obras como testemunha, especialmente Vegécio”.¹⁴⁶ Assim, ela começa a discorrer quais práticas e exercícios de armas deveriam ser discutidos nos próximos capítulos, pois tais assuntos são indispensáveis, mesmo em tempos de paz. Ao dizer isso, a autora repete, à sua maneira, a tão conhecida frase de Vegécio:

quem quer que deseja a paz, deve aprender a guerra; aquele que gosta da vitória precisa ser hábil em armas. O cavaleiro que busca uma boa aventura deve lutar com competência, ou seja, usando o bom senso e não “o instinto”. Ninguém ousa ferir ou enfurecer quem prevalecerá se ele fosse atacado.¹⁴⁷

Esta parte corresponde ao parágrafo final epílogo do livro III da *Epitoma*:

¹⁴⁴ Tradução nossa de: “nothing has greater importance than the selection of military leaders” e “as Vegetius says, age of itself does not give any guarantee of skill and manner of combat, but rather experience”. (cap. VII, parte I). PIZAN, op. cit., p.23-24.

¹⁴⁵ MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 327.

¹⁴⁶ Tradução nossa de: “as many authors who have treated this matter have helped me to speak of this, I shall cite their works as witness, especially Vegetius”. (cap. VIII, parte I). PIZAN, op. cit., p. 26.

¹⁴⁷ Tradução nossa de: “For Vegetius says that whoever wants peace should learn war; he who likes victory must be adept with arms. The knight who seeks a good adventure should fight with competence, which is to say, using good judgment and not ‘from the hip.’ Nobody dares to injure or anger another who would be expected to come out on top if he were attacked”. (cap. VIII, parte I). Ibid., p. 26-27.

Portanto, quem desejar a paz, que prepare a guerra; quem ambicionar a vitória, que treine diligentemente os soldados; quem pretender desenlaces favoráveis, que lute com arte, não ao acaso. Ninguém ousa provocar, ninguém ousa agredir aquele que se percebe ser-lhe superior em caso de combate¹⁴⁸.

Já para a segunda parte do *Fais d'armes*, podemos citar como exemplo de situação onde Vegécio é parafraseado pela autora o capítulo XIV, onde, após discutir nos capítulos anteriores os grandes feitos de batalhas antigas utilizando como fonte a obra *Strategemata* de Frontino, Pizan retoma a *Epitoma* e utiliza-a como base para tratar sobre operações de cerco. Sobre a construção de fortificações, ela afirma que

[Vegécio] diz que os antigos, que eram bem aconselhados, não faziam os muros de suas cidades em uma linha reta, como são feitas agora, pois eles consideravam que feitas dessa maneira, elas seriam mais vulneráveis ao ataque das máquinas de guerra e também de serem escaladas.¹⁴⁹

Em Vegécio (cap. II, livro IV), encontramos: “os antigos não quiseram desenhar o traçado dos muros a direito para que eles não estivessem expostos aos golpes dos aríetes, (...)”.¹⁵⁰ Novamente Christine mantém a ideia do autor, mas acrescenta “um pouco do seu”, fazendo um paralelo com seus dias e explicando detalhadamente, para que o texto seja mais bem compreendido.

A situação se repete na maioria dos de mais casos, na primeira e segunda parte da obra, onde o nome de Vegécio aparece, ou então, nas situações onde o tradutor do *Fais d'armes* pôde identificar usos indiretos de suas ideias.

Priorizando sua vontade de que todos compreendam seu trabalho, ela escreve as ideias do oficial romano de maneira simples, muitas vezes detalhando a explicação. O último capítulo da primeira parte é um bom exemplo disso, onde a autora utiliza o capítulo XXVI, livro III, da *Epitoma* para fazer um breve resumo de tudo o que foi discutido até então. Pizan seleciona frases que lhe são pertinentes deste trecho e prolonga-as de modo a explicá-las:

¹⁴⁸ MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 257.

¹⁴⁹ Tradução nossa de: “The author says that the ancients who were well advised did not make the walls of their cities in a straight line, as is done now, for they considered that in such a way they would be more vulnerable to blows from war machines, and also to being scaled.” (cap. XIV, parte II). PIZAN, op. cit., p. 105.

¹⁵⁰ MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 337.

Tenha certeza que você conhece o cavaleiro antes de levá-lo para a batalha, e se houver qualquer dúvida, não confie nele, por que é muito melhor desconfiar de seu inimigo estando em guarda do que confiar em batalha naqueles que não se conhece.

(...)

Na organização para a batalha, é melhor deixar para trás algumas forças de reserva do que espalhar os soldados muito amplamente, pois novas tropas podem trazer alívio às fatigadas.

A bravura é mais útil do que números, e a situação é muitas vezes mais valorosa que a força.

(...)

Nunca leve um cavaleiro em batalha se ele não espera vitória, pois se ele tem pouca esperança, ele já está meio vencido.

A surpresa alarma o inimigo. Aquele que persegue seu inimigo imprudentemente está tentando dar-lhe a vitória que ele próprio ganhou.¹⁵¹

Em Vegécio encontramos tais frases mais sucintas:

Nunca um soldado deverá ser integrado na formação de combate sem que antes o tenhas posto à prova.

(...)

É melhor guardar muitas reservas atrás das linhas do que espalhar muito os soldados.

(...)

A coragem ajuda mais do que o número.

(...)

Nunca conduzas um soldado a uma batalha a não ser quando vires que ele espera alcançar a vitória.

O imprevisto apavora os inimigos, o trivial suscita a sua indiferença.¹⁵²

Das partes da *Epitoma* que a autora escolheu para dar fundamento à sua própria obra, houve um momento de discórdia entre ela e sua fonte, que é importante destacarmos. Ao discorrer sobre onde podemos encontrar os melhores guerreiros, Pizan escreve que:

¹⁵¹ Tradução nossa de: "Be sure you know a knight before you lead him into battle, and if there is any doubt, do not trust him, for it is much better to doubt one's enemies by being on one's guard than to trust in battle people one does not know.

(...)

In arranging for battle, it is better to leave behind some relief forces than to spread out soldiers too widely, for fresh troops can bring relief to the fatigued.

Bravery is more helpful than numbers, and the situation is often more valuable than force.

(...)

Never lead a knight into battle if he does not expect victory, for if he has little hope, he is already half vanquished.

Surprises alarm the enemy. He who pursues his enemy unwisely is trying to give him the victory he himself has won." (cap. XXIX, parte I). PIZAN, op. cit., p.78-79.

¹⁵² MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 325, 327 e 329.

é dito que em terras quentes, perto do sol, os homens, embora sábios, astutos e maliciosos, não são muito corajosos, pois devido ao calor excessivo eles não têm grande quantidade de sangue. Por outro lado, é dito que os das terras frias são resistentes, mas não sábios, de modo que nem um nem o outro devem ser escolhidos, mas sim aqueles de terras temperadas devem ser levados.¹⁵³ (cap. XI, parte I).

Tais afirmações foram retiradas de Vegécio, cap. II, livro I:

Dizem que todas as nações que são vizinhas do sol, ressequidas pelo calor excessivo, têm, na verdade, mais inteligência, mas têm menos sangue e, por causa disso, não têm a firmeza e a confiança de lutar corpo-a-corpo porque receiam as feridas (...). Pelo contrário, os povos setentrionais, afastados dos ardores do sol e, na verdade, irreflectidos, tendo contudo sangue em abundância, estão prontíssimos para a guerra. Portanto, devem ser escolhidos nas regiões temperadas os recrutas cuja abundância de sangue basta para desprezar os ferimentos e a morte, (...).¹⁵⁴

Entretanto Christine de Pizan não concorda com o que foi dito pelo oficial romano e acrescenta:

Quanto a mim, insisto que nenhuma outra autoridade deva ser seguida exceto a daqueles que tem a maior experiência e têm maior satisfação no ofício das armas, um trabalho no qual seu prazer é centrado, sem que desejem outra felicidade ou honra além daquela que advém de feitos cavaleirescos. *E estes, de qualquer nação, serão recebidos e escolhidos.*¹⁵⁵ (Grifo nosso).

A Autora demonstra claramente que neste quesito sua opinião diverge da de Vegécio. Através do texto, percebemos que para Pizan, o lugar onde nasceu ou cresceu o guerreiro não determina sua qualidade e sim seu treinamento e caráter. Christine acrescenta que, se for necessário escolher homens ditos “comuns” para armada, o sábio comandante deveria escolher homens que, pela profissão que exercem, já estejam acostumados a ver sangue ou habituados a utilizar força e

¹⁵³ Tradução nossa de: “it is said that in hot lands, near the sun, men, although wise, wily, and malicious, are not very brave, because due to the excessive heat they do not have a great deal of blood. On the other hand, it is said that those from the cold lands are hardy but not wise, so that neither the one nor the other should be chosen, but rather those from temperate lands should be taken.” (cap. XI, parte I). PIZAN, op. cit., p. 36.

¹⁵⁴ MONTEIRO e BRAGA, op. cit., p. 179.

¹⁵⁵ Tradução nossa de: “as for myself, I would insist that no other rule should be followed except to choose those who have had the greatest experience and who are most pleased in the pursuit of arms, in which labor their greatest pleasure is centered, without their desiring other happiness or honor beyond that which comes to them from chivalrous deeds. And these, from whatever nation they may come, are to be received and chosen.” (cap. XI, parte I). PIZAN, op. cit., p. 36.

ferramentas como um machado, por exemplo,¹⁵⁶ pois estas pessoas não teriam tanta dificuldade em se adaptar ao treinamento e à realidade da guerra.

Assim, podemos perceber que Pizan não se limita às suas fontes, parafraseia-as, explica-as, compara-as com o seu presente, discorda delas e complementa-as. Ela utiliza na sua compilação apenas as partes que lhe convém da *Epitoma* de modo a fundamentar suas ideias, para que ela atinja seu objetivo, sem a intenção de traduzi-las por completo.

2.3.2 Honoré Bouvet e *L'Arbre des Batailles*

O *Arbre des Batailles* é outra *auctoritas* muito usada por Christine de Pizan no *Fais d'armes*. Seu autor, Honoré Bouvet, foi um monge beneditino, jurista, diplomata, autor e prior de Selonnet, na Provença, França.¹⁵⁷

Seu primeiro livro, o *Arbre des Batailles*, escrito por volta de 1387, foi a obra que lhe garantiu renome.¹⁵⁸ Seu trabalho é considerado por muitos o primeiro tratado de lei internacional sobre guerra feito para leigos.¹⁵⁹ Ele aborda as leis da guerra como elas eram consideradas no fim do século XIV.¹⁶⁰

A obra também é dividida em quatro partes. A primeira e a segunda parte Honoré Bouvet escreve sua interpretação da História, à luz do Apocalipse bíblico, onde ele afirma que a primeira guerra foi travada no Céu, entre os anjos de Deus e Lúcifer.¹⁶¹ O autor ainda escreve uma versão resumida da história romana baseada no *Historiæ adversum Paganos* de Paulo Orósio (c. 385-420).¹⁶² É na terceira e quarta parte da obra que se encontra a discussão sobre batalhas e o costume militar da época.¹⁶³

¹⁵⁶ Ibid., p. 36.

¹⁵⁷ HANLY, Michael. Witness to the schism: the writings of Honorat Bovet. p. 159. In: ROLLO-KOSTER, Joelle; IZBICKI, Thomas M. (ed.). **A Companion to the Great Western Schism** (1378-1417). Leiden: Brill, 2009. p.159-195.

¹⁵⁸ ÇEÇEN, Zeynep K. **Late Medieval Attitudes on the Evil in Warfare: Honoré Bouvet's Arbre des batailles and its Sources**. Disponível em: <<https://www.inter-disciplinary.net/at-the-interface/wp-content/uploads/2013/02/Cecen2.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 1.

¹⁵⁹ SARTON, George. Review. The Tree of Battles. Honoré Bonet, G. W. Coopland. **Isis**, v. 41, n. 2, p. 207, jul., 1950. Disponível em: <<http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/349154>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

¹⁶⁰ ÇEÇEN, op. cit., p. 1.

¹⁶¹ Ibid., p. 2.

¹⁶² KILGOUR, Raymond L. Honoré Bonet: A Fourteenth-Century Critic of Chivalry. **PMLA** v. 50, n. 2, p. 352-61, 1935. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/458143>>. Acesso em: 09 ago. 2016. p. 353.

¹⁶³ Ibid., p. 353.

De acordo com Zeynep Çeçen, para escrever este livro, Bouvet utilizou como principal fonte a obra “altamente acadêmica” *Tractatus de bello, de represaliis et de duello*, de João de Legnano.¹⁶⁴ O monge beneditino fez as ideias de Legnano mais fáceis de compreender para o público leigo.¹⁶⁵ Deste modo, o *Arbre des Batailles* não foi pensado para ser um livro para acadêmicos e juristas, mas sim um tratado de ampla circulação “para uso dos arautos, príncipes e, especialmente, cavaleiros engajados na guerra”,¹⁶⁶ de certa forma, como Christine faz com o *Fais d’armes*.

Raymond Kilgour explica que a abordagem de Bouvet sobre o código de conduta da cavalaria e das leis da guerra tem um ponto de vista prático.¹⁶⁷ O livro “é um manual de trabalho para o cavaleiro” – figura que era considerada por Bouvet quase como um soldado da tradição romana.¹⁶⁸ Ele recusava a considerar a galanteria e a honra cavaleiresca, buscando em vez disso, uma sóbria e razoável base para suas decisões.¹⁶⁹

Christine de Pizan utiliza o *Arbre des Batailles* como um meio de afirmar sua autoridade, assim como suas demais fontes. Em sua compilação, as ideias de Honoré Bouvet, estão visivelmente presentes na terceira e quarta parte da obra – que tratam sobre aspectos jurídicos da guerra. Além disso, de acordo com Charity C. Willard, a autora também utiliza Bouvet na discussão acerca da guerra justa, no começo da primeira parte do livro.¹⁷⁰ Entretanto não fica claro na obra se Pizan faz uso diretamente da obra do monge, ou se ela utiliza Santo Agostinho e João de Legnano como fonte – que também foram *auctoritates* utilizadas no *Arbre de Batailles*.

2.3.2.1 O Mestre e a aprendiz

Honoré Bouvet aparece no *Fais d’armes* de uma maneira inusitada. No começo da terceira parte da obra, quando Christine explica como começou a

¹⁶⁴ ÇEÇEN, op. cit., p. 1.

¹⁶⁵ Ibid., p. 1.

¹⁶⁶ Tradução nossa de: “for the use of heralds, princes and especially knights engaged in war”. KILGOUR, op. cit., p. 353.

¹⁶⁷ Ibid., p. 353.

¹⁶⁸ Tradução nossa de: “his book is a working manual of the knight”. Ibid., p. 353.

¹⁶⁹ Ibid., p. 353.

¹⁷⁰ WILLARD, 1998, op. cit., p. 12.

escrevê-la, ela nos apresenta um personagem que aparece em seus sonhos – alguém que parecia um importante clérigo, um juiz – que dizia:

Cara amiga Christine, (...), em consideração ao grande amor que tu tens para as coisas representadas por letras, (...), eu vim aqui para [ajudá-la] na composição deste presente livro sobre cavalaria e feitos de armas, com o qual tu tens te ocupado com muita diligência e boa vontade. Portanto, em conformidade com teu grande desejo de dar material para todos os cavaleiros e outros homens nobres que possam ler ou ouvi-lo, para o emprego e aperfeiçoamento em realizar os feitos que lhes são exigidos, (...), *é bom para ti recolher da Árvore das Batalhas no meu jardim alguns frutos que lhe serão de utilidade*, para que o vigor e a força cresçam dentro de ti para continuar a trabalhar no livro de peso. No intuito de construir um edifício que reflita os escritos de Vegécio e de outros autores que têm sido úteis para ti, *tu debes cortar alguns ramos desta árvore, levando apenas o melhor*, e com esta madeira tu debes definir a fundação deste edifício. Para fazê-lo, eu, como mestre, irei me comprometer a ajudá-la como discípula.¹⁷¹ (Grifos nossos).

Em momento algum Pizan nomeia seu mestre, entretanto estudiosos da obra apontam que ele seria Honoré Bouvet.¹⁷² Para Melissa Biederman esta parte ilustra outra das ferramentas utilizadas para afirmar a autoridade de Christine enquanto autora de uma obra tão audaciosa quanto o *Fais d'armes*.¹⁷³ Os diálogos entre ela e seu mestre representam uma melhor maneira de apresentar um conteúdo complexo para “homens de ação”, alguns dos quais podiam ser muito pouco letrados ou iletrados.¹⁷⁴ O tradutor da edição utilizada neste trabalho acrescenta ainda que o uso do diálogo para apresentar os problemas discutidos foi uma maneira esperta de simplificá-los de modo que todos possam entender.¹⁷⁵

¹⁷¹ Tradução nossa de: “dear friend Christine, (...), in consideration of the great love you have for things represented by letters, (...), I have come here to lend a hand in the composition of this present book of knighthood and deeds of arms, with which you have occupied yourself very diligently and with goodwill. Therefore, in conformity with your great desire to give material to all knights and other noble men who can read or hear it, for employment and improvement in accomplishing those deeds required of them, (...), it is good for you to gather from the Tree of Battles in my garden some fruit that will be of use to you, so that vigor and strength may grow within you to continue work on the weighty book. In order to build an edifice that reflects the writings of Vegetius and of other authors who have been helpful to you, you must cut some branches of this tree, taking only the best, and with this timber you shall set the foundation of this edifice. To do this, I as master will undertake to help you as disciple.” (cap. I, parte III). PIZAN, op. cit., p. 143-144.

¹⁷² WILLARD, 2009, op. cit., p. 7.

¹⁷³ BIEDERMAN, op. cit., p. 23.

¹⁷⁴ Tradução nossa de: “men of action”. WILLARD, 2009, op. cit., p. 7.

¹⁷⁵ Cf. nota do tradutor número 1. In: PIZAN, op. cit. p. 143.

Para Walter Ong, descrever sonhos em obras manuscritas naquela época não é algo incomum. O autor sugere que esses sonhos-visões crescem na literatura como forma de fazer com que o texto seja mais bem sentido pelo leitor.¹⁷⁶

Christine de Pizan escreve Bouvet dando para ela permissão para usar sua obra como fonte (“é bom para ti recolher da Árvore das Batalhas no meu jardim alguns frutos que lhe serão de utilidade”), isso possibilitou que ela se protegesse contra possíveis críticas acerca de não ter escrito o trabalho sozinha ou de ter meramente copiado a obra de outros autores.¹⁷⁷ Assim, por causa da permissão da figura do monge beneditino descrito no sonho, para o leitor, “parece menos provável que Christine [tenha] roubado de Bouvet do que ela ter ‘consultado’ com ele”.¹⁷⁸

Entretanto, o fato de Pizan consultá-lo não retira sua força sobre o texto, pois ela foi rigorosa na escolha de quais elementos da obra de Bouvet ela incluiria no seu próprio trabalho, para complementá-lo.¹⁷⁹ Podemos perceber isso quando ela escreve, na voz do monge beneditino, “tu debes cortar alguns ramos desta árvore, levando apenas o melhor”.¹⁸⁰

De acordo com Biederman, muito do que encontramos na terceira e quarta parte do *Fais d’armes* de Pizan é similar ao trabalho de Honoré Bouvet.¹⁸¹ Mas em sua escolha pelos assuntos contidos no *Arbre des Batailles*, Christine deixa de lado principalmente o Livro Um e omite toda a atenção que o autor dá à Igreja e aos efeitos apocalípticos causados pela guerra na sociedade, uma vez que seu próprio trabalho não era voltado para questões religiosas.¹⁸² Assim, ela dá mais utilidade às “discussões de Bouvet sobre o salvo-conduto e pagamento de resgate por prisioneiros capturados em batalhas” do que à escatologia presente em outros pontos da obra do monge.¹⁸³ E, de acordo com Sumner Willard, o que a autora toma emprestado do *Arbre des Batailles* está tudo no quarto livro da obra.¹⁸⁴ Jonathan Boulton complementa ainda que Christine omitiu ou simplificou partes da obra

¹⁷⁶ ONG, Walter J. Orality, Literacy, and Medieval Textualization. **New Literacy History**. Vol. 16 N. 1, 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/468772>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 2. Discutiremos a leitura no medievo no próximo capítulo.

¹⁷⁷ BIEDERMAN, op. cit., p. 23.

¹⁷⁸ Tradução nossa de: “it seems less likely that Christine stole from Bonet than that she ‘consulted’ with him”. Ibid., p. 24.

¹⁷⁹ Ibid., p. 24.

¹⁸⁰ PIZAN, op. cit., p. 144

¹⁸¹ BIEDERMAN, op. cit., p. 25.

¹⁸² Ibid., p. 24.

¹⁸³ Tradução nossa de: “Bonet’s [sic] discussions of safeconduct and ransoming of prisoners captured in battle”. Ibid., p. 24.

¹⁸⁴ Cf. nota do tradutor número 1. In: PIZAN, op. cit., p. 143.

referida, pois ela “incluiu em seu trabalho somente aquelas partes do *Arbre [des Batailles]* que ela sentiu que eram de particular importância para seu projeto”.¹⁸⁵

Ao dissertar sobre as diferenças e semelhanças entre o trabalho de Bouvet e de Pizan, Biederman destaca alguns pontos de consenso e discórdia entre os autores. Por exemplo, no capítulo XIX, parte III, Christine pergunta a seu mestre se um estudante estrangeiro, que se encontrasse em um país que estivesse em guerra com o seu, pudesse ser feito prisioneiro¹⁸⁶. Parece crucial para a autora que todas as pessoas que possam ser afetadas pela guerra sejam levadas em consideração, pois além do estudante, ela também se refere aos doentes, velhos, embaixadores e legados¹⁸⁷. Para Biederman isto reflete tanto a natureza pacifista de Christine quanto a visão idealista de que uma guerra justa é algo bom, que está presente no *Arbre des Batailles*.¹⁸⁸ Os dois acreditam “na justificativa da guerra e na etiqueta necessária para os movimentos todas as pessoas na área da batalha.”¹⁸⁹

Sobre a questão do papel da Igreja e do Papa na guerra, Pizan concorda com o monge beneditino em sua escrita pacifista e utiliza algumas de suas ideias para o começo da terceira parte do *Fais d'armes*. Mas ainda assim, de acordo com Biederman, “ela está relutante em depositar tal insistência na paz unicamente sobre a Igreja”, como se dependesse dela a manutenção da paz, pois Christine acha que os papéis do Papa e do Imperador são “irrelevantes na luta pela paz”¹⁹⁰ – verificamos, deste modo, como o *Arbre des Batailles* é muito mais pautado na religião que o *Fais d'armes*.

Quando, no capítulo X, parte III, ela pergunta sobre os direitos das viúvas e seu papel em tempos de guerra, Biederman afirma que esta parte é uma das maiores evidências da originalidade da obra de Pizan, pois ela mesma era viúva.¹⁹¹ Bouvet escreve um pouco sobre o papel e o direito das mulheres na guerra, mas por

¹⁸⁵ Tradução nossa de: “included in her own work only those parts of the *Arbre* that she felt were of particular importance to her project”. BOULTON, op. cit., p. 96.

¹⁸⁶ PIZAN, op. cit., p. 172.

¹⁸⁷ BIEDERMAN, op. cit., p. 25; e PIZAN, op. cit., p. 172-178.

¹⁸⁸ BIEDERMAN, op. cit., p. 25.

¹⁸⁹ Tradução nossa de: “in the justifiability of warfare and in the etiquette required for movements of any and all people in the battle area.” Ibid., p. 26.

¹⁹⁰ Tradução nossa de: “she is reluctant to place such an insistence on peace solely upon the church” e “irrelevant in a struggle for peace”. Ibid., p. 26.

¹⁹¹ Ibid., p. 26.

não concordar com ele, a autora omite as opiniões do monge acerca do assunto em sua obra¹⁹² e escreve seu ponto de vista utilizando-se a voz do mestre.

Com relação às causas e à legitimidade da guerra, Carroll acrescenta que as opiniões dos autores são distintamente diferentes. A visão do monge beneditino apresenta a guerra como algo natural, inevitável e “ordenado por Deus”.¹⁹³ Ele acreditava que a guerra era “boa e virtuosa”, servia para punir as injustiças e para expiar os pecados e transgressões - além de assegurar que a paz não era possível.¹⁹⁴ Já a visão de Christine era mais secular e menos pessimista. Ela aceitava a legitimidade de algumas guerras, mas não tinha nada a dizer sobre pecados, transgressões e punições divinas. Pizan estava preocupada em discutir a legitimidade da guerra para trazer justiça e a autoridade necessária para fazê-la.¹⁹⁵ No entanto, ambos concordavam que apenas um soberano pode autorizar uma guerra e negavam o direito à guerra particular.¹⁹⁶

Por fim, é interessante destacarmos que a concepção de cavalaria para os dois autores difere muito do conceito tradicional atribuído à ela.¹⁹⁷ Honoré Bouvet aborda o código de conduta cavaleiresca de um ponto de vista prático.¹⁹⁸ Ele não aborda aspectos metafísicos como o amor e a adoração à figura da donzela e se recusa a considerar a honra e a bravura atribuída a essa sociedade, tratando o cavaleiro quase como um soldado romano.¹⁹⁹

Já nas obras de Christine de Pizan a figura do cavaleiro ideal está mais presente em *Charles V*. Kate Forhan explica que Christine conceitua a cavalaria como uma virtude dirigida ao bem comum, cuja função era preservar a paz. Além disso, a escritora minimiza a importância da força física e habilidade de combate que é característico da cavalaria.²⁰⁰ Esse ponto de vista encontra-se de maneira sutil no *Fais d'armes* nas vezes que a autora utiliza Charles V como exemplo para algum

¹⁹² Ibid., p. 27-28.

¹⁹³ Tradução nossa de: “commanded of God”. CARROLL, op. cit., p. 349.

¹⁹⁴ Tradução nossa de “good and virtuous”. Ibid., p. 350.

¹⁹⁵ Ibid., p. 350.

¹⁹⁶ Ibid., p. 350.

¹⁹⁷ O conceito tradicional de cavalaria será abordado no próximo capítulo, no tópico 3.2.2.

¹⁹⁸ KILGOUR, op. cit., p. 353.

¹⁹⁹ Ibid., 353 e 357.

²⁰⁰ FORHAN, Kate Langdon. **The Political Theory of Christine de Pizan**. Hampshire: Ashgate, 2002. p.143.

ponto da sua argumentação e quando ela descreve as qualidades que um comandante militar deva ter.²⁰¹

²⁰¹ Abordaremos este ponto de vista no tópico 3.2.2 deste trabalho. PIZAN, op. cit., p. 18-26.

3 LEITURA E LEITORES: HOMENS DE ARMAS, CAVALEIROS E NOBRES NO *FAIS D'ARMES*

Além da instrução do delfim Luís de Guyenne, Christine de Pizan escreve o *Fais d'armes* para um público mais amplo, que leria o texto ou o ouviria ser lido em voz alta. Neste capítulo analisaremos a leitura no medievo para podermos entender bem como o público alvo da autora (homens de armas, cavaleiros e nobres), no contexto e na obra.

3.1 UM DESAFIO: LEITURA NA IDADE MÉDIA

Para compreendermos melhor o objetivo de Pizan de escrever para um público mais vasto, precisamos nos deter, ainda que brevemente, num assunto que é desafiante para o medievalista: a leitura.

Steven R. Fischer caracteriza a Idade Média como um “choque e interpenetração da oralidade e da escrita”.²⁰² Assim, Marcia M. de Medeiros explica que quando um estudioso faz reviver um texto daquela época ele se coloca “em um contexto onde o texto era mais ouvido que lido, onde esse texto podia ser narrado ou recriado meio que de improviso e ao mesmo tempo, apreciado e registrado ou na memória ou no papel”, pois o escutar era a base do escrever.²⁰³ Nesse sentido, Michel Zink complementa que “a obra medieval, até o século XIV, só existe plenamente sustentada pela voz, atualizada pelo canto, pela recitação ou pela leitura em voz alta.”²⁰⁴

A escrita, durante muito tempo esteve confinada nos mosteiros e nas chancelarias. Paul Zumthor salienta que o que favoreceu a proliferação da escrita “é a relação estreita que ela mantinha com a voz”, pois ela servia para fixar mensagens

²⁰² Tradução nossa de: “the clash and interpenetration of orality and writing”. FISCHER, Steven Roger. **A History of Reading**. Londres: Reaktion Books, 2003. p.141.

²⁰³ MEDEIROS, Márcia M. de. A História Cultural e a História da Literatura Medieval - Algumas referências à “Escritura” do oral e à “Oralidade” do escrito. **Fronteiras: Revista de História**. Dourados, v. 10, n. 17, p. 97-111, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=FRONTEIRAS&page=article&op=view&path%5B%5D=64&path%5B%5D=74>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p.109.

²⁰⁴ ZINK, op. cit., p. 80.

orais e “porque o modo de codificação das grafias medievais fazia destas uma base de oralização.”²⁰⁵

Saber escrever pelo menos o próprio nome não era algo incomum, mas isso não significava saber ler. Ler e escrever são atividades diferentes, “exigindo aprendizagens distintas, que não são percebidas como necessariamente ligadas.”²⁰⁶ A leitura “era a ruminação de uma sabedoria” e envolvia, geralmente, o uso da voz: “um cochicho, mais comumente a vocalização, geralmente em voz alta.”²⁰⁷ A vocalização ajudava o leitor a absorver melhor o conteúdo lido.²⁰⁸

Como a leitura no medievo se tratava do ler e ouvir, ela era, portanto, uma experiência coletiva.²⁰⁹ Para Fischer a leitura em voz alta acontecia por diversas razões: devido à escassez de pessoas que sabiam ler, ao custo elevado dos livros e ao fato de a sociedade da época viver frequentemente em grupos.²¹⁰ Além do mais, a audiência daquela época, como na antiguidade, gostava de ouvir conto e narrativas épicas, assim, a literatura vernácula era escrita muitas vezes pensando não somente nos leitores, mas também em quem ouvia.²¹¹

A leitura silenciosa era uma prática incomum até pelo menos 1300.²¹² Ela só conseguiu se impor conforme o aumento do número de escritos em circulação e atingiu alguns lugares e setores da sociedade antes que outros.²¹³ A troca entre as duas modalidades de leitura aconteceu de forma gradual “na qual a escrita, em vez de imediatamente minar a oralidade, foi durante algum tempo se adaptando à prática oral.”²¹⁴ Por um longo tempo as duas formas coexistiram. Mas houve, com o tempo, uma mudança de costumes que criou uma “esfera de intimidade (...) entre o leitor e o texto”.²¹⁵ A leitura passou de um ato público para um ato privado.²¹⁶

Fischer argumenta que a leitura silenciosa só foi possível através do desenvolvimento de técnicas de escrita (pontuação, maiúsculas e minúsculas, parágrafos, entre outros) e através do aperfeiçoamento da linguagem (a gradual

²⁰⁵ ZUMTHOR, op. cit., p. 97.

²⁰⁶ Ibid., p. 104.

²⁰⁷ Ibid., p. 105.

²⁰⁸ ONG, op. cit., p.1.

²⁰⁹ FISCHER, op. cit., p. 141-142.

²¹⁰ Ibid., p. 141-142.

²¹¹ Ibid., p. 164 e 167.

²¹² Ibid., p. 142.

²¹³ ZUMTHOR, op. cit., p. 105.

²¹⁴ Tradução nossa de: “in which writing, instead of immediately undermining orality, was for some time adapted to oral practice”. FISCHER, op. cit., p. 142.

²¹⁵ ZUMTHOR, op. cit., p. 106.

²¹⁶ FISCHER, op. cit., p. 162.

fixação da ordem das palavras na frase no latim, por exemplo, tornando-se mais próxima da ordem utilizada nas línguas vernáculas).²¹⁷ A partir dessa mudança, nos séculos XIV e XV, os livros passaram a serem escritos para serem lidos em silêncio, não ouvidos e saber ler e escrever passou a ser considerado quase um dever cívico.²¹⁸

Apesar disso, a leitura pública continuou.²¹⁹ Eram mais comuns as leituras particulares, feitas para a família ou para amigos.²²⁰ Poemas épicos ainda eram claramente feitos para a performance pública. E Fischer explica que “a leitura em voz alta tornou-se o passatempo favorito em ambientes domésticos”, do mesmo modo, os livros se tornaram mais disponíveis para outros escalões da sociedade que não a nobreza.²²¹ Além do mais, “a grande maioria dos europeus (...) ainda não sabia ler e escrever”²²² – para estes a única maneira de tomarem conhecimento de um texto escrito era escutando outra pessoa ler em voz alta.

3.1.1 Índices de oralidade no *Fais d'armes*

Deste modo, quando Christine de Pizan escreve o *Fais d'armes* a prática de leitura em voz alta continuava presente na sociedade. Testemunhos desse hábito podem ser encontrados dentro da própria obra, como por exemplo, nos momentos onde a autora escreve frases como “aqueles que podem ouvir este livro ser lido para eles”.²²³ Desta forma, Pizan informava seu leitor que sua obra também visava à leitura pública, para que desta forma suas recomendações pudessem alcançar uma audiência ainda maior.

A própria escrita didática dela também garantiu que isso acontecesse, pois também facilita a leitura para quem lê em voz alta e transmite o texto para os que não sabem ler.

Outra marca da oralidade na sua obra é já mencionado diálogo entre a figura de Christine e seu mestre. Além de facilitar a compreensão de assuntos complexos,

²¹⁷ Ibid., p. 160-162.

²¹⁸ Ibid., p. 191.

²¹⁹ Ibid., p. 192.

²²⁰ Ibid., p. 192.

²²¹ Tradução nossa de: “reading aloud became a favorite pastime in domestic settings”. Ibid., p. 192.

²²² Ibid., p. 197.

²²³ Tradução nossa de: “who may hear this book read to them”. PIZAN, op. cit., p.153. Cf. as citações feitas anteriormente nas páginas 24, 26 e 39, referentes às notas de rodapé 90, 99 e 170.

o texto pensado em forma de diálogo ajuda o leitor a dar a entonação apropriada ao ler em voz alta, deste modo, compreendem-se ainda mais facilmente os conselhos da autora.

Além da conversa mestre/discípula, a autora também conversa com o leitor/ouvinte de outras formas: enfatizando sua opinião com o uso de pronomes como “eu” e “nós”; questionando o leitor sobre situações complicadas; e fazendo perguntas retóricas, para que leis sejam refletidas.

A primeira situação ocorre com bastante frequência na maioria dos assuntos abordados, logo após a explicação do ponto e o *exemplum* que normalmente o acompanha. Podemos citar como exemplo o capítulo IV, parte I, onde Christine descrever as causas da guerra.

(...) *nós* precisamos considerar agora a causa pela qual, de acordo com os meios legais, eles [os soberanos] poderiam ser iniciados e prosseguidos. Desta forma estaria[m] bem-aconselhados, *parece-me*, para lembrar que, das cinco razões que normalmente levam para a guerra, três são legítimas e as duas restantes são pelo desejo.

(...)

Quanto aos outros dois pontos, um relativo à vingança por algum dano ou perda causada por outro príncipe, o outro referente à aquisição de terras estrangeiras sem o título para elas – mesmo que através de conquistas no passado, como Alexandre[, o grande], os romanos e outros que fizeram o mesmo, e foram aclamados e receberam títulos de cavalaria, assim como aqueles que causaram a vingança de seus inimigos, pelo bem ou pelo mal – apesar do fato de que essas ações são comumente realizadas, *eu não encontrei* na lei divina e nem em outro texto, para causas como estas sem qualquer outro motivo, que seria aceitável iniciar qualquer tipo de guerra ou batalha em qualquer terra cristã, muito pelo contrário.²²⁴ (Grifos nossos).

Este é um ponto que, como explica Carroll, a autora quebra paradigmas ao elencar cinco causas para a guerra – três justas, duas injustas.²²⁵ Tais argumentos

²²⁴ Tradução nossa de: “(...) we must now consider the causes by which, according to lawful means, they may be initiated and pursued. In this regard one is well advised, it seems to me, to remember that five grounds are commonly held to be the basis of wars, three of which rest on law and the remaining two on will.

(...)

As for the other two points, the one regarding revenge for some damage or loss inflicted by another prince, the other regarding acquisition of foreign lands without title to them – even though conquerors in the past, such as Alexander, the Romans, and others have done so, and have been praised and accorded chivalric titles, as have those who wreaked vengeance upon their enemies, for better or for worse – despite the fact that such actions are commonly undertaken, I do not find in divine law or in any other text, for causes such as these without any other ground, that it is acceptable to start any kind of war or battle upon any Christian land, but rather the contrary”. (cap IV, parte I). PIZAN, op. cit., p. 16-17.

²²⁵ CARROLL, op. cit., p. 351.

não são encontrados nas *auctoritates* recorridas na obra, e são, muito provavelmente, opiniões da própria Pizan. Percebemos nesse trecho que a imposição da sua opinião, através do uso dos pronomes “eu” e “nós”, é também uma maneira de se dirigir aos seus leitores/ouvintes, um modo de chamar sua atenção.

Na segunda situação encontramos questões que são, muitas vezes, reflexões sobre impasses que podem ocorrer durante a guerra. Como por exemplo, no capítulo XX, parte I, onde Christine questiona sobre o que um comandante deve fazer se há uma proposta de paz vinda de um adversário que está em desvantagem ou não.

[o inimigo em desvantagem] teme a batalha e assim deseja negociar e alcançar a paz, fazendo-lhes boas ofertas a fim de melhor estabelecer seus direitos para evitar o derramamento de sangue; *o que tu farias então?* Ou mesmo se eles foram inspirados a querer a paz, embora sua força seja mais ou menos igual a tua, tu deves estar tão orgulhoso de fazê-lo pensar que eles estariam em desvantagem se ele[s] v[er]iam para a batalha, que tu irias, de maneira alguma, desejar chegar a um acordo? Mesmo se mais ofertas forem feitas, o quanto tu dificultarias [a situação]? Não, de fato, pois tu dificilmente encontrarás isso recusando ofertas justas, não importa o quão certo eles possam estar, não importa o quão grande o número de homens em comparação com poucos, que o infortúnio não possa superá-los no final;²²⁶ (Grifo nosso).

São questionamentos relacionados a dificuldades na guerra que a própria audiência poderia fazer à Pizan, se esta fosse uma ocasião de conversa face a face entre público e escritor. Neste caso, a autora responde de modo a acentuar ainda mais a importância da paz – tópico sempre presente em seu discurso. Em outros ela enfatiza a importância de atitudes sábias e bem pensadas, para que não se corra riscos desnecessários nas guerras, como é o caso do capítulo XXI, parte I, onde Christine discute o que o comandante deve fazer nas vésperas de uma batalha:

se acontecer que finalmente a necessidade de combate obrigou a armada a se reunir em um certo dia em frente ao inimigo, então o comandante *sábio* não pode falhar em qualquer uma das coisas que ele deve fazer, e deve aconselhar o melhor; pois há certos assuntos

²²⁶ Tradução nossa de: “fear battle and thus wish to negotiate and achieve peace, making you good offers in order better to establish their rights and to avoid bloodshed; what would you do then? Or even if they were inspired to want peace, though their strength was more or less the equal of yours, should you be so proud as to make them think that as they would be at a disadvantage if it came to battle, you would by no means wish to come to an agreement? Even so that the more offers that were made, the more difficult you would be? No, indeed, for you would scarcely find that in refusing just offers, however right they might be, however large the number of men with reference to fewer, that misfortune might not overcome them in the end;” (cap. XX, parte I). PIZAN, op. cit., p. 59.

que não devem ser negligenciados. O que, então, ele fará? Ele terá muito que *pensar*, porque um grande evento não pode ocorrer entre homens que em um se encontra o destino de toda a terra, o estado do príncipe e a vida de um infinito número de pessoas, a honra ou a desonra do suserano, dos cavaleiros, e de toda a nobreza.²²⁷ (Grifos nossos).

Aqui a autora enfatiza para seu leitor/ouvinte a necessidade de se pensar cuidadosamente sobre todos os aspectos de uma guerra, seus conselhos enfatizam a cautela que é necessária para não tomar decisões apressadas e assim por em risco o exército e o reino.

Quanto à terceira situação, as encontramos normalmente na parte III e IV do *Fais d'armes*. Podemos citar como exemplo, o capítulo V, parte III, onde Christine e seu mestre discutem se o vassalo deve arcar com os custos de seu equipamento e suprimentos se for chamado para servir seu senhor na guerra.

nenhuma lei vincula o [vassalo] a servir o senhor à suas próprias despesas, mas sim com um pagamento adequado do senhor, se a terra, no passado distante, não os obriga a servir o seu príncipe às suas próprias custas por certo tempo, com um determinado número de homens para as suas guerras. Mas há uma boa razão para não fazer isso. *Por que outra razão o nobre cobraria as obrigações de guerra [levies²²⁸], e outras despesas, se não para por em seu tesouro para pagar suas guerras, se necessário?* (...) Mas na verdade, o príncipe ou senhor tem a necessidade recorrer a essa ajuda, ele deve cuidar que isso não seja ser excessivo ou empobreça seus homens, nem deve ele usar as obrigações de guerra para outro uso, caso contrário isso deve ser levantado contra ele. *Ele deveria cuidadosamente evitar o conselheiro que iria aconselhá-lo a fazer o contrário, pois seria sua queda.* Nem deveria o bom rei ou príncipe ouvir as palavras de tal conselheiro, mas sim dispensá-lo como inimigo de sua alma, de seu corpo e de sua honra, *pois tal aconselharia sua ruína* e iria colocá-lo no caminho de perder o amor e benevolência de seus súditos.²²⁹ (Grifos nossos).

²²⁷ Tradução nossa de: "if it happens that finally the necessity of combat has obliged the army to assemble on a certain day in the face of the enemy, then the wise commander must not fail in any of the things he should do, and must advise for the best; for there are certain things that should not be overlooked. What, then, will he do? He will have much to think about, because a greater event cannot take place among men than one wherein lies the fortunes of all the land, the state of the prince and the life of an infinite number of persons, the honor or dishonor of the overlord, the knights, and all the nobility." (cap. XXI, parte I). Ibid., p. 61.

²²⁸ A palavra *levies* (singular *levy*), que designa, em inglês, o recrutamento de homens (geralmente camponeses ou homens comuns) para a armada de um senhor, podendo significar também o pagamento feito aos homens de um senhor ou o serviço militar em si. Cf. Levy. In: *ENCYCLOPEADIA Britannica, The: A dictionary of arts, sciences, literature and general information*. 11th Edition. Cambridge: Cambridge University Press. 1910. v. 16. Disponível em: <<https://ia802701.us.archive.org/33/items/encyclopaediabri16chisrich/encyclopaediabri16chisrich.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 519. O termo mais próximo no caso português seria o "aquantiado" ou a "quantia". Cf. MARTINS, Miguel Gomes. Os aquantiados. In: _____. **Para Bellum: Organização e Prática da Guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)**. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007. p. 114-155.

²²⁹ Tradução nossa de: "no law is binding on them to serve the lord at their own expense, but rather at suitable wages from the lord, if the land has not obligated them from the distant past to serve their

Observamos neste caso que Pizan formula uma pergunta retórica, que não espera uma resposta por parte dos leitores/ouvintes e sim uma reflexão sobre o assunto. Ao responder com sua própria reflexão, a autora sugere o que o soberano ou senhor deve fazer caso seja realmente necessário recrutar guerreiros que arquem com seus próprios custos. Encontramos argumentos parecidos na obra de Bouvet, exceto no que diz respeito aos conselheiros do rei.²³⁰ Essa parte muito provavelmente foi escrita com base nas próprias experiências de vida da autora na corte, onde ela possivelmente julgava que havia maus conselheiros servindo ao rei. Desse modo ela alerta não só o delfim, mas aqueles que estão ao seu redor sobre os perigos de conselheiros pretenciosos na corte.

Por fim é necessário considerarmos os momentos da obra onde Pizan utiliza a segunda pessoa “you” (traduzido aqui por “tu”) em sua escrita. O pronome é utilizado de três maneiras: quando a autora cita Vegécio em seus conselhos; quando ela parece se referir ao príncipe; e quando ela conversa com seu mestre. Destacaremos aqui os dois primeiros casos.

Das situações onde Christine cita o oficial romano, podemos destacar o capítulo XVIII, parte I, onde a autora discute como o comandante deve agir se uma batalha se tornar iminente e escreve:

Mas se acontecer, como diz Vegécio, que teu inimigo *te* pressione muito para escolheres um dia para a batalha, e se ele *te* pressiona para combater, observe cuidadosamente se isso é para *tua* vantagem ou para teu pesar, e não faça nada, a não ser que *tu* vejas a *tua* vantagem.²³¹ (Grifos nossos).

prince at their own expense for a certain time, with a given number of men for his wars. But there is good reason not to do this. For why should the lord take from his men levies for his lands for various expenses except to maintain his estate and put in his treasury to support his wars, if need be? (...) But in truth, if a prince or lord has need to resort to such help, he ought to see to it that this should not be excessive or impoverishing for his men, nor should he put such a levy to other use lest it be charged against him. He should carefully avoid the counselor who would advise him to do otherwise, for it would be his downfall. Nor should a good king or prince listen to the words of such a counselor, but rather dismiss him as the enemy of his soul, his body, and his honor, for such a one would counsel his ruin and put him on the way to losing the love and goodwill of his subjects.” (cap V, parte III). PIZAN, op. cit., p. 149.

²³⁰ Cf. nota do tradutor número 5. In: Ibid., p. 148; e BOUVET, Honoré. **Árbol de batallas**: versión castellana atribuida a Diego de Valera. Madrid: Imprenta Ministerio de Defensa, 2008. p. 92-93.

²³¹ Tradução nossa de: “But if it should come about, as Vegetius says, that your enemy presses you hard to choose a day of battle, and if he presses you to combat, note carefully if this is to your advantage or to your regret, and do nothing unless you see your advantage.” (cap. XVIII, parte I). PIZAN, op. cit., p. 55-56.

Neste fragmento a autora utiliza os ensinamentos de Vegécio para conversar com o leitor/ouvinte, para aproximar seu público do assunto. Mas isso não acontece toda a vez que ela cita essa *auctoritas* e sim apenas quando ela quer ressaltar determinadas ideias.²³²

Para a segunda situação, uma passagem da obra nos chama a atenção. No capítulo XX, parte I, onde a autora escreve sobre tréguas e tratados.

(...) se o tratado é feito por outros meios, se o papa enviou um representante para trazer a paz, ou outro príncipe ou lorde inspirado pela boa vontade (...) interveio, *ou no caso de tu mesmo seres o príncipe*, tu deves em tais circunstâncias explicar detalhadamente a ação, caso, direito, ou apenas a querela que tens para fazer guerra contra o oponente, de modo que o árbitro em questão, que gostaria de terminar este conflito sem derramamento de sangue, possa ser bem aconselhado em apresentar a ti suficiente compensação e satisfação, apontando para o inimigo o seu grande erro. (...). Se tu acreditas que em certos assuntos tu estás certo e em outros não, tu deves estar disposto a consentir o tratado e permitir uma parte das demandas dos outros sem desonrar-se, se podes fazer melhor dando em troca algo que é realmente seu por direito.²³³ (Grifo nosso).

É possível que neste ponto Pizan estivesse dirigindo seus conselhos especificamente para o delfim, ou ainda, que ela quisesse chamar a atenção do leitor/ouvinte de forma geral ao se referir ao seu público diretamente. Em ambos os casos, o texto chama a atenção do leitor/ouvinte, como se Christine estivesse conversando diretamente a ele. Entretanto é importante lembrar que este é um caso quase isolado, pois normalmente a autora se refere ao príncipe, enquanto soberano, na terceira pessoa, aconselhando sem se remeter diretamente a ele.

Através desses exemplos, percebemos que o *Fais d'armes* também foi pensado para um público que ouviria seu conteúdo ser lido em voz alta. Para Christine de Pizan era necessário que o maior número possível de pessoas tomasse o conhecimento sobre a situação tempestuosa que a França vivia. Portanto, toda a

²³² Como exemplo Cf. capítulo XXIV, parte I In: PIZAN, op. cit., p. 67.

²³³ Tradução nossa de: "(...) if the treaty is brought about by some other means, if the pope has sent a representative to bring about peace, or another prince or lord inspired by goodwill (...) has intervened, or in the event that you yourself are the prince, you should in such circumstances explain thoroughly the action, case, right, or just quarrel that you have for making war against the opponent, so that the arbitrator in question, who would like to end this conflict without bloodshed, may be well advised to have presented to you sufficient amends and satisfaction, pointing out to the enemy their great wrong. (...). If you believe that in certain matters you are right and in others not, you should be the more willing to consent to the treaty and allow a part of the demands of the others without dishonoring yourself, if you can do better by giving up something that is really your right." (cap. XX, parte I). PIZAN, op. cit., p. 59.

sua obra foi pensada de forma a ser um conselho simples, fácil de ser compreendido, mas ainda assim, de extrema importância para a sociedade da época.

3.2 O PÚBLICO PARA A QUAL PIZAN SE DIRIGIA

Uma vez que procuramos entender porque Pizan escreveu sua obra e como ela a escreveu, precisamos nos debruçar sobre a sociedade a quem ela se dirigiu ao escrever. Para isso é necessário abordar dois principais pontos: a armada francesa do período e quem a compunha.

3.2.1 A armada francesa na Guerra dos Cem Anos

A Guerra dos Cem Anos desempenhou um papel fundamental para grandes mudanças nos dois reinos que a envolveu: contribuiu para a formação dos estados nacionais da Inglaterra e da França; provocou desenvolvimento de novos meios cobrança de impostos; colaborou para a criação de exércitos nacionais; e auxiliou na formação de uma identidade nacional dos países envolvidos.²³⁴

No momento em que o *Fais d'armes* foi escrito o conflito estava num hiato desde 1489, quando foi acordada uma trégua de pelo menos 28 anos.²³⁵ Até então a guerra foi marcada por altos e baixos. O reino francês sofreu grandes derrotas (como a Batalha Crécy em 1346 e a de Poitiers em 1356), mas ambos os lados sofreram, tanto em quesitos econômicos quanto em perda de população.

No decorrer dos primeiros conflitos, a armada francesa estava muito agarrada às tradições. O rei estendia seus direitos feudais para chamar a nobreza para seu serviço e recrutar a população através do *arrière-ban*.²³⁶ Deste modo, a maioria dos comandantes das tropas francesas era nobre. O contingente era composto por tropas recrutadas sob contrato entre a população e guerreiros

²³⁴ CURRY, Anne. **The Hundred Years' War: 1337-1453**. Oxford: Osprey, 2002. p. 8.

²³⁵ A trégua foi mantida tecnicamente até que Henry V, aproveitando-se da situação interna e conflituosa do adversário, invadiu a França em agosto de 1415. Ibid., p. 10 e 54.

²³⁶ Ibid., p. 23. O *arrière-ban* é o nome dado à convocação aos vassallos do rei francês para o serviço militar. Cf. Arrière-ban. In: DIDEROT; D'ALAMBERT. **L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers** (1751-1772). 1^{er} édition. Vol. 7. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re_%C3%A9dition/ARRIERE-BAN>. Acesso em: 24 nov. 2016.

profissionais estrangeiros – e todos recebiam pagamento por seus serviços. Apenas uma pequena quantidade das famílias nobres podia prover o reino com cavaleiros (com título de cavalaria) completamente equipados – devido ao alto custo do equipamento –, as demais ofereciam escudeiros (*squires*).²³⁷

A Guerra dos Cem Anos foi majoritariamente travada através de operações de cerco, *chevauchées*²³⁸ e ataques navais - as batalhas campais ocorriam pontualmente, mas não eram comuns.

Para o caso das batalhas campais, a estratégia francesa não variou muito até pelo menos depois da Batalha de Azincourt (1415).²³⁹ A infantaria francesa raramente era utilizada para proteger os flancos da sua cavalaria, que era muito vulnerável às flechas dos arqueiros das tropas inglesas. Como resultado, muitas tentativas de carga de cavalaria foram fracassadas, o que causou a perda de muitas batalhas (inclusive as já mencionadas batalhas de Crécy e Azincourt).²⁴⁰

Sobre a organização das tropas no campo de batalha Christine de Pizan escreve, no capítulo XIII, parte I, do *Fais d'armes*, que no seu tempo as formações de batalha eram comumente feitas da seguinte maneira:

(...) Faz[er] com que a guarda avançada [tenha] um comprimento considerável, com homens de armas dispostos juntos, de modo que um não deva passar do outro, (...) e nos seus lados, na[s] ala[s], [posicionar] o poder de fogo, canhões ao lado das bestas e arqueiros dispostos de forma semelhante. Após esta primeira formação, chamada de vanguarda, vem a principal formação de batalha, onde a grande massa de homens de armas é ordenada por seus capitães, que estão em seu meio, (...). Alguns dizem que se isso inclui[r] um número considerado de pessoas comuns²⁴¹, estas devem ser usadas para reforçar as alas em fileiras bem ordenadas atrás da artilharia; e que sejam ordenadas por bons capitães, e que também fossem colocadas na frente da maior parte da formação, de modo que se forem tentadas a fugir, os homens de armas por trás delas possam impedi-los. No meio desta grande formação está o príncipe comandante, (...). Ao seu redor ficam os melhores e mais experientes homens de armas, para a segurança do príncipe e do [seu] estandarte. Logo após, seguindo esta grande formação, vem a

²³⁷ NICOLLE, David; McBRIDE, Angus. **French armies of the Hunder Years War**. Oxford: Osprey, 2000. p. 4-6. Para mais detalhes do processo de recrutamento da armada francesa no período conferir o capítulo "Recruitment" da mesma obra.

²³⁸ Estratégia de guerra medieval, onde geralmente algumas centenas de guerreiros a cavalo faziam uma expedição ao território inimigo para enfraquecê-lo pilhando e queimando o território, pode ser traduzida como "cavalgada". Cf.: ALLMAND, Christopher. *The Hundred Years War: England and France at War (c. 1300 - c. 1450)*. Cambridge: Cambridge University Press, 1996. p. 55 apud MARTINS, op. cit., p. 586.

²³⁹ CURRY, op. cit., p. 59.

²⁴⁰ NICOLLE e McBRIDE, op. cit., p. 22-23.

²⁴¹ Isto é, pessoas não treinadas para o combate.

terceira parte, chamada de retaguarda disposta para apoiar aqueles da frente. Estes ficam igualmente bem ordenados e, atrás deles, ficam os yeomen²⁴² a cavalo, que podem ajudar os outros se dele precisarem. Estes são bons homens, segura[m] o cavalo de seus mestres e forma[m] um obstáculo para que ninguém possa atacar a armada pela retaguarda. (...) Com todos estes arranjos, costuma-se por em ordem uma quantidade de homens de armas, hábeis em seu ofício, montados em bons corcéis ou cavalos de carga²⁴³, todos prontos nos lados [da formação] correndo para quebrar [a formação adversária] e lançar em desordem a formação de batalha quando eles se reunirem. Desta forma a batalha é ganha através daqueles que sabem melhor como [prestar] ajuda.²⁴⁴

Esta explicação sobre como dispor a armada em campo de batalha provavelmente provém do conhecimento que ela adquiriu com os já mencionados “sábios cavaleiros” que a ajudam com informações práticas sobre a guerra em seu tempo.²⁴⁵ Pizan cita que esse foi o modo com que foi disposta a armada francesa durante o triunfo francês na Batalha de Roosebeke, em 1382, contra Flandres, que foi liderada pelo próprio Charles VI com quatorze anos de idade.²⁴⁶ E também foi como o duque João, o Sem Medo, obteve vitória na Batalha de Othée em 1408.²⁴⁷

²⁴² Yeoman é uma palavra inglesa de múltiplos significados. Para o contexto militar, a palavra designa um combatente que está abaixo do cavaleiro e do escudeiro, mas acima dos serventes. Pode designar também um assistente de oficial. Cf. Yeoman. In: **The Free Dictionary**. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/yeoman>>. Acesso em: 07 nov. 2016; e Yemen. In: DIDEROT; D'ALAMBERT. **L'Encyclopédie** ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers (1751-1772). 1er édition. Vol. 17. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re_%C3%A9dition/YEMAN>. Acesso em: 24 nov. 2016.

²⁴³ Isto é, cavalos apropriados para executar a técnica de batalha conhecida como carga de cavalaria, ou *charge*, no inglês.

²⁴⁴ Tradução/adaptação nossa de: “(...) making the advance guard of considerable length, with men-at-arms arranged close together, so that one should not pass another, (...) and in wing formation at their sides the firepower, cannoneers along with crossbowmen and archers similarly arranged. After this first formation, called the vanguard, comes the principal battle formation, where the great mass of men-at-arms is ordered by their captains, who are in their midst, (...). Some say that if this includes a considerable number of common people, these should be used to reinforce the wings in well-ordered ranks behind the firepower, and that they should be commanded by good captains, and also that they should be put in front of the major part of the formation, so that if they should be tempted to flee, the men-at-arms behind them would prevent it. In the middle of this great formation stands the commanding prince, (...). Around him are the best and most experienced men-at-arms, for the safety of both the prince and the banner. Next, following this great formation, comes the third part, called the rear guard, arranged to support those in front. These are likewise well ordered, and behind them are the yeomen on horseback, who can aid the others if they have need of it. These are good men, holding the horses of their masters and forming an obstacle so that no one can attack the army from the rear. (...) With all these arrangements there is usually put in order a quantity of men-at-arms, skilled in their craft, mounted on good steeds or chargers, all ready on the sides to come racing to break up and throw into disarray the battle formations of the enemy when they have assembled. In this way the battle is won by those who best know how to be of assistance.” (cap. XIII, parte I). PIZAN, op. cit., p. 65-66.

²⁴⁵ Sobre os “sábios cavaleiros” que aconselham Pizan ver parte 2.3.1.1 deste trabalho e nota do tradutor número 73. In: *Ibid.*, p. 110.

²⁴⁶ Cf. nota do tradutor número 14. In: *Ibid.*, p. 22.

²⁴⁷ Cf. nota do tradutor número 87. In: *Ibid.*, p. 66.

Entretanto, se esta era prática comum na época, ela não obteve bons resultados ou não foi utilizada durante batalhas decisivas no conflito contra a Inglaterra, pois até a Batalha de Azincourt a França perdeu boa parte das batalhas campais que travou.²⁴⁸

Após perdas como Crécy e Poitiers, poucas mudanças foram feitas em questão de estratégia de combate e recrutamento das tropas. Foi durante a segunda fase da guerra (1369-1399) que houve um confronto entre a cultura da cavalaria e as realidades do conflito.²⁴⁹ As tropas francesas aprenderam a evitar cautelosamente as batalhas de campo, preferindo operações de cerco e de contra cerco,²⁵⁰ além de investirem na implantação de armas de fogo, principalmente nas fortificações do reino.²⁵¹

As operações de cerco eram de grande importância, pois a conquista de uma fortaleza, praça-forte ou cidade amuralhada também garantia o controle de territórios adjacentes.²⁵² Pelo fato das batalhas campais serem muitas vezes imprevisíveis, preferia-se o cerco, pois, pelo menos em teoria, era possível controlar os acontecimentos.²⁵³ Assim, não é ao acaso que Christine de Pizan ocupa grande parte da segunda parte do *Fais d'armes* com operações de cerco.

Foi somente após o desastre da Batalha de Azincourt que foram feitas mudanças significativas no exército da França. Sob o reino de Charles VII (1422-1461), houve um reflorescimento da infantaria – embora a cavalaria ainda fosse utilizada quando as condições parecessem favoráveis – e um aumento considerável de armas de fogo, principalmente as de mão.²⁵⁴ O antigo meio de recrutamento foi renovado para criar uma força de infantaria confiável sob o controle do rei, transformando os recrutas em arqueiros, criando os *franc archers*²⁵⁵, em 1448.²⁵⁶

²⁴⁸ CURRY, op. cit., passim.

²⁴⁹ NICOLLE e McBRIDE, op. cit., p. 24.

²⁵⁰ Ibid., p. 23-24.

²⁵¹ Ibid., p. 25.

²⁵² MARTINS, op. cit., p. 643.

²⁵³ Ibid., p. 643.

²⁵⁴ NICOLLE e McBRIDE, op. cit., p. 37.

²⁵⁵ Milícia criada sob o reinado de Charles VII, composta por homens livres, armados e fornecidos por cada paróquia do reino. Cf. franc-archer. In: DIDEROT e D'ALAMBERT, op. cit. Disponível em: <https://fr.wikisource.org/wiki/L%E2%80%99Encyclop%C3%A9die/1re_%C3%A9dition/FRANC>. Acesso em: 24 nov. 2016.

²⁵⁶ NICOLLE e McBRIDE, op. cit., p. 9. Sobre as reformas feitas por Charles VII no exército francês e as *compagnies d'ordonnances* Cf. KENN, Maurice. The Changing Scene: Guns, Gunpowder, and Permanent Armies. In: _____. (ed.) **Medieval Warfare: a history**. Oxford: Oxford University Press, 1999. p. 273-291.

Não podemos saber ao certo até que ponto a obra de Pizan influenciou na reforma feita na armada francesa após a guerra ter acabado. Entretanto, Charity Canon Willard aponta que é possível que o condestável Arthur de Richemont (1393-1458),²⁵⁷ provavelmente adquiriu um exemplar do *Fais d'armes* e pode ter tirado desta obra ideias para sua importante contribuição na reorganização que o rei fez nas tropas do reino.²⁵⁸ O condestável insistiu na necessidade de uma liderança adequada, treinamento frequente, disciplina e pagamento regular dos guerreiros – todos pontos discutidos por Christine e Vegécio.²⁵⁹

3.2.2 Homens-de-armas, cavaleiros e nobres: separando o quase inseparável

Em alguns momentos do livro Christine menciona para quem ela está escrevendo: para aqueles que irão ler ou ouvir ler. Mas essa frase soa um tanto abrangente. Se olharmos mais atentamente para a obra, vemos que ora ela se refere a homens de armas, ora a cavaleiros, ora a nobres – três figuras cujos conceitos muitas vezes são confundidos entre si, mas que sempre andam juntas, de certo modo, principalmente na guerra.

O mais simples de definir dos três é o homem de armas. Grosso modo, para o caso francês, ele consiste em um guerreiro bem armado, geralmente com equipamento completo, que tem sobre o seu comando outros homens.²⁶⁰ Estes constituíam a maior parte da armada francesa.²⁶¹ Normalmente são guerreiros montados que não têm o título de cavaleiro e que podem ou não ser de família nobre.²⁶²

O cavaleiro medieval é, provavelmente, a figura mais icônica daquela época. Quando se fala em Idade Média, a primeira coisa que muitos pensam é no cavaleiro da armadura brilhante salvando uma donzela em perigo. Sua imagem é associada

²⁵⁷ Arthur de Richemont, duque da Bretanha, foi um dos principais conselheiros do rei Charles VII e responsável pela campanha que finalmente consegue expulsar os ingleses do território francês. Arthur III. In: *ENCYCLOPEADIA Britannica*, op. cit., v. 2. Disponível em: <<https://ia902708.us.archive.org/33/items/encyclopaediabrit02chisrich/encyclopaediabrit02chisrich.pdf>> Acesso em: 24 nov. 2016. p. 682.

²⁵⁸ WILLARD, op. cit., p. 8.

²⁵⁹ Ibid., p. 8.

²⁶⁰ Gendarmerie. In: *ENCYCLOPEADIA Britannica*, op. cit., v. 11. Disponível em: <<https://archive.org/details/details/encyclopaediabrit11chisrich>>. Acesso em: 15 out. 2016. p. 573.

²⁶¹ Ibid., p. 573.

²⁶² Gendarme. In: *DICTIONNAIRE du Moyen Français (1330-1500)*. Disponível em: <<http://micmap.org/dicfro/next/complement-godefroy/691/9/gendarme>>. Acesso em: 07 out. 2016.

com muitos mitos e lendas. Entretanto, o que chegou até nós foi uma representação de um ideal, aquele que a sociedade cavaleiresca queria que fosse preservada e que conseguiu, através dos trovadores.²⁶³ Como nos explica Jean Flori, a cavalaria como era conhecida no fim do medievo, período em que viveu Christine de Pizan, não existia desde o começo do período.²⁶⁴

A cavalaria, como afirma o autor, é complexa de definir, pois é multifacetada e não se pode defini-la apenas pelo seu aspecto de guerreiro a cavalo porque podemos ser levados a confundir o significado da palavra.²⁶⁵ Não é possível falar dela antes do ano 1000, pois ela é resultante de uma fusão de elementos políticos, militares, culturais, religiosos, éticos e ideológicos da sociedade aristocrática e guerreira, implantada entre o fim do século X e o fim do XI.²⁶⁶

Inicialmente *miles* (soldado em latim) era o termo que designava o guerreiro na Alta Idade Média. Distingua-se entre os *milites* (plural de *miles*) os soldados que lutavam a pé (*pedites*) e os que lutavam a cavalo (*equites*).²⁶⁷

Quando a palavra *milites* substitui *equites* no fim do século XI, percebemos o impacto que o guerreiro montado tem nos campos de batalha. Essa importância cresce ainda mais depois do século XII, quando é introduzida nas batalhas uma técnica que provavelmente fez com que a cavalaria que conhecemos no fim da Idade Média tenha nascido: a carga de cavalaria.²⁶⁸

De acordo com Flori, o progresso dessa sociedade em emergência veio da “militarização que valoriza o papel do guerreiro ao mesmo tempo em que exalta a profissão dos cavaleiros” que, a partir do século XII, são considerados guerreiros de elite.²⁶⁹

O autor nos explica que pelo longo contato que tinham a aristocracia, pelo fato de serem seus “auxiliares armados”, os *milites* começaram a dissolver-se nela, adotando seus costumes e assim elevaram sua condição socioeconômica, se

²⁶³ LE GOFF, Jacques. O cavaleiro, a cavalaria. In: _____. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 108.

²⁶⁴ FLORI, Jean. Cavalaria. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2002. v. 1. p. 187.

²⁶⁵ FLORI, Jean. **A cavalaria: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média**. São Paulo: Madras, 2005. p. 11.

²⁶⁶ FLORI, 2005, op. cit., p. 12 e 15.

²⁶⁷ FLORI, 2002, op. cit., p. 186-187.

²⁶⁸ Ibid., p. 187.

²⁶⁹ Ibid., p. 189.

distanciando dos trabalhadores da terra, de onde muitos originalmente vieram.²⁷⁰ Dessa forma, “a cavalaria ganha em dignidade e logo compõe uma classe hereditária”, mas difere-se da nobreza tornando-se uma aristocracia restrita a um ritual - o adubamento - que com o tempo se restringiu aos filhos de cavaleiros.²⁷¹

A nobreza controla cada vez mais a cavalaria a partir do século XIII e a cavalaria, “nesse momento, representa um ornamento honorífico que se acrescenta à nobreza e que herda conotações ideológicas adquiridas ao longo dos tempos.”²⁷² Dessa maneira, o cavaleiro deixou de ser somente um guerreiro montado, torna-se um membro conhecido da aristocracia, um título nobiliário.²⁷³

Entretanto a cavalaria se confunde muito com a nobreza. Para o caso francês na Baixa Idade Média o título de cavaleiro, ao contrário do título nobiliário, não era hereditário.²⁷⁴ Como explica Léopold Génicot, a nobreza e a cavalaria podem ou não se fundir:

se há fusão, ela é mais ou menos rápida, mais ou menos completa segundo as regiões, segundo as épocas, segundo se considera os planos jurídico, social ou político. Certas diferenças desaparecem, outras surgem, sem dúvida menos profundas, mas reais. A junção ocorre mais cedo nas regiões impregnadas de romanidade.²⁷⁵

Contudo, Flori destaca que os termos cavalaria e nobreza nunca foram sinônimos, ou equivalentes.²⁷⁶ A cavalaria aos poucos aumentou sua glória e atraiu gradualmente a nobreza, “que a dirig[iu] desde sempre ao ponto de reivindicar o seu pertencimento, controle” e exclusividade.²⁷⁷ Portanto, no século XIII, “a nobre ‘corporação’ de guerreiros de elite tornou-se a corporação elitista dos nobres cavaleiros antes de se transformar em confraria nobiliária de caráter honorífico no final da Idade Média”, fazendo dos séculos XIV e XV um período de “efervescência da cavalaria”.²⁷⁸

²⁷⁰ Ibid., p. 190.

²⁷¹ Ibid., p. 190. Para mais informações sobre o adubamento conferir o artigo na íntegra.

²⁷² Ibid., p. 190.

²⁷³ Ibid., p. 185.

²⁷⁴ LE GOFF, op. cit., p. 118.

²⁷⁵ GÉNICOT, Léopold. Nobreza. In: LE GOFF, Jacques; SCHIMMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2002. v. 2. p. 264.

²⁷⁶ FLORI, 2005, op. cit., p. 123.

²⁷⁷ Ibid., p. 123.

²⁷⁸ Ibid., p. 123.

3.2.2.1 O ideal de cavalaria

Para entendermos bem a cavalaria é necessário entender suas virtudes.

A palavra inglesa *Chivalry*, que pode ser traduzida como “cavalaria”, teve, ao longo do medievo, diversos sentidos. Ora designava o coletivo de cavaleiros (*knights*), ora era utilizado para referir-se a um conjunto de valores e virtudes ligados ao código de conduta que a sociedade cavaleiresca buscava seguir. O último sentido (que designa o ideal de cavalaria) é o mais comumente utilizado atualmente.²⁷⁹

A cavalaria sofreu, a partir do fim do século XII, críticas de diferentes grupos sociais, principalmente por parte da Igreja e dos príncipes. Dizia-se que a cavalaria não prestava mais serviços aos desprotegidos e estava cada vez mais ligada a exércitos mercenários e que assim atrapalhavam no recrutamento de guerreiros para os exércitos dos príncipes. Perante a pressão imposta por esses grupos, a cavalaria refugia-se em uma ideologia constituída por elementos nobiliárquicos e eclesiásticos.²⁸⁰

Apesar dos esforços feitos, em sua maioria, pela Igreja de impor que a cavalaria protegesse os indefessos e não guerreasse em dias santos, essa ideologia só estaria bem difundida nessa sociedade no final do período medieval (entre os séculos XIV e XV), quando é introduzido “o antigo ritual régio de proteção da Igreja, da viúva, do órfão e dos fracos em geral”.²⁸¹

São diferentes as perspectivas de estudos sobre os ideais de cavalaria entre os historiadores. Para alguns, a cavalaria, enquanto ideal, não é apenas a representação literária da sociedade cavaleiresca, mas também representa práticas sociais e rituais dos cavaleiros na corte, as atividades militares dos guerreiros medievais e os valores e costumes que embasam e emolduram tais práticas, que abrangem também a aristocracia da época.²⁸² Outros estudiosos focam-se em uma

²⁷⁹ HENNEMAN Jr, John B. Chivalry. In: KIBLER, William W. (ed.) [et al]. **Medieval France: an encyclopedia**. [s.l.] Taylor & Francis e-Library, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/2FzkzD>>. Acesso em: 17 out. 2016. p.411.

²⁸⁰ FRANCO Jr., Hilário. Apresentação. In: LLULL, Ramon. **O livro da ordem de cavalaria**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000. p. XXVIII.

²⁸¹ FLORI, 2002, op. cit., p. 193.

²⁸² TAYLOR, Craig. Introduction. In: _____. **Chivalry and the Ideals of Knighthood in France during the Hundred Years War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/5009736/Chivalry_and_the_Ideals_of_Knighthood_in_France_during_the_Hundred_Years_War_introduction_>. Acesso em: 18 out. 2016. p. 4.

definição mais restrita - o ideal de cavalaria enquanto valores e costumes praticados apenas pelos cavaleiros.²⁸³ Ou ainda, esses ideais podem ser associados primariamente ao romance cortês, que oferece uma visão idealizada, romantizada e heroica do cavaleiro.²⁸⁴ Apesar disso, no geral, seis virtudes cavaleirescas parecem ser aceitas por todos: a proeza, a lealdade, a liberalidade (ou generosidade), a cortesia, a nobreza de espírito e a honra.²⁸⁵

Tais qualidades, como Flori esclarece, são aplicáveis entre cavaleiros cristãos, e passam, a partir do século XIII, a ser um modelo de conduta para a sociedade não só medieval, como moderna e contemporânea.²⁸⁶

3.2.2.2 A cavalaria nas obras de Pizan

Ao considerarmos o ideal de cavalaria como caracterizado acima, juntamente com a fonte deste trabalho, percebemos melhor o que foi discutido no final do capítulo anterior: a visão que Christine de Pizan possuía da cavalaria era diferente do conceito que se tem tradicionalmente dela.

Das obras de Pizan a que possui uma discussão mais profunda sobre a cavalaria é sua biografia do rei Charles V. Nela, a autora se atém às concepções de prudência e cavalaria – virtudes essenciais na formação de um príncipe e de um comandante militar.²⁸⁷ Na obra, os conceitos dizem respeito a uma “cavalaria intelectual”, baseada no “bom conselho”, na reflexão e na ordem²⁸⁸ – uma cavalaria de “sabedoria prudente” no pensamento, na palavra e nos feitos, diferente da cavalaria dita “tradicional” caracterizada pelas decisões tomadas sem reflexões, ações precipitadas e ataques desorganizados²⁸⁹ e comportamentos considerados rudes – todos traços que a autora critica.

Em *Charles V* Christine faz, portanto, uma análise sobre o comportamento cavaleiresco ideal através do rei francês e procura propor regras que permitam que

²⁸³ Ibid., p. 4.

²⁸⁴ Ibid., p. 4.

²⁸⁵ HENNEMAN, op. cit., p. 411. Para uma descrição mais detalhada de cada virtude conferir o artigo na íntegra.

²⁸⁶ FLORI, 2005, op. cit., p. 158 e 163.

²⁸⁷ DUDASH, Susan J. Prudence et chevalerie dans le *Livre des faits et bonnes meurs et bonnes meurs du sage roy Charles V. Cahier de recherches médiévales*. n. 16, 2008. Disponível em: <<http://crm.revues.org/10872>>. Acesso em: 24 nov. 2016. p. 226.

²⁸⁸ Tradução nossa de: “chevalerie intellectuelle” e “bon conseil”. Ibid. p. 226.

²⁸⁹ Tradução nossa de: “sagesse prudente”. Ibid., p. 226.

futuros reis sejam imbuídos de sabedoria, justiça e paz no serviço de seus súditos.²⁹⁰

Ao analisar essa obra, Susan Dudash propõe que houve “uma revisão dos valores cavaleirescos” na época em que Pizan escreve a biografia²⁹¹. Essa revisão, que foi elaborada por sábios, queria definir a “verdadeira nobreza” combinando-a com as virtudes cristãs, valores racionais e qualidades aristocráticas.²⁹² Deste modo, para responder às mudanças de seu tempo, Pizan procura definir um soberano ideal, “estudioso e precavido, que possui a erudição do passado e a o sábio conselho de seu tempo, a fim de apresentar um modelo político exemplar para as gerações futuras”.²⁹³

Em *Charles V* a cavalaria existe para a defesa e a proteção de todos.²⁹⁴ É interessante notar que nesta obra Christine insiste em chamar os cavaleiros de *milites*, preferindo o termo em latim, pois ele implica ações valorosas, que, em sua opinião, faltavam à maioria dos cavaleiros franceses de sua época.²⁹⁵ Nesta obra, a autora deixa claro que não é somente a cerimônia que define o “estado cavaleiresco”, “mas sim ‘a ordem’, isto é, as regras, a prática e a arte das armas”, e a disposição necessária a cada movimentação militar.²⁹⁶

Uma leitura atenta do *Fais d’armes* nos faz perceber que a visão que Christine de Pizan possui da cavalaria está presente na obra de maneira sutil, principalmente através dos conselhos e ideias que a autora propõe. Nesta obra, o termo *chivalry* aparece no sentido de “feitos de cavalaria”, não no de “ideal de cavalaria”. Assim, boa parte das recomendações propostas pela autora na obra defendem valores presentes na concepção christiniana de ideal de cavalaria: prudência, sabedoria e, em alguns casos, honra.

Um exemplo marcante que podemos apresentar está no já citado, capítulo VII, parte I, onde a autora descreve as virtudes necessárias para um bom

²⁹⁰ Ibid., p. 226.

²⁹¹ Tradução nossa de: “une révision des valeurs chevaleresques”. Ibid., p. 227

²⁹² Tradução nossa de: “vraie noblesse” (grifo do autor). Ibid., p. 227

²⁹³ Tradução nossa de: “savant et prévoyant, qui disposât de l’érudition du passé et du sage conseil de son temps, afin de présenter un modèle politique exemplaire pour les générations à venir.” Ibid., p. 227

²⁹⁴ Ibid., p. 231.

²⁹⁵ Ibid., p. 231.

²⁹⁶ Tradução nossa de: “l’état chevaleresque” e “mais plutôt ‘l’ordenence’ [sic] c’est-à-dire des règles, la pratique et l’art des armes”. Ibid., p. 232.

condestável. Neste capítulo, Pizan faz uma lista de qualidades que julga necessárias para o chefe militar do reino francês, e diz que é

(...) especialmente aconselhável escolher alguém que seja excepcional em todas as coisas que exige o porte de armas, o que quer dizer que, através de uma longa experiência, eles devem estar tão acostumados com a conduta da guerra que deveria parecer um chamado natural. O exercício contínuo de armas proporciona todas as habilidades necessárias, (...). Pois, como diz Vegécio, a idade em si não dá garantia de habilidade e conduta de combate, mas sim experiência. Portanto, ele não deve ser um novato na rotina e no modo de lidar com homens de armas, [e sim aquele] que em tempo de paz e durante as demandas da guerra deve saber como manter, conduzir e equipar [seus homens] da melhor maneira possível.²⁹⁷

Entretanto a autora reconhece que não só de características físicas e habilidades com armas é formado um cavaleiro ideal e aponta em seguida que

(...) as qualidades e condições que devem ser encontrados em um bom condestável são estas: ele não deve ser teimoso, irritadiço, cruel ou malevolente, mas sim [deve] ser moderado e temperado, [ser] firme na justiça, [deve] falar gentilmente, ter porte ereto e ser de poucas palavras; [ter] semblante sereno; não [deve ser] dado à conversa mole; [deve ser] verdadeiro em palavra e promessa, corajoso, seguro de si [e] diligente; não ser avarento, [ser] orgulhoso diante de seus inimigos [e] magnânimo para os vencidos e seus inferiores; não [deve] se irritar facilmente ou [ser] dado a atos impulsivos; não [deve] ser facilmente impressionado pelas aparências ou pelas palavras que não parecem verdadeiras; não [deve ser] tentado a vaidade, ornamento ou joias. (...). Ele deve informar-se todos os dias a respeito do estado de preparação de seus adversários, ser sutil, prudente e cauteloso em se defender contra eles, atacando-os com sabedoria e mantendo-se bem informado sobre suas armadilhas. Ele deve saber como governar seu próprio povo²⁹⁸, mantê-los em ordem e comandá-los com respeito, realizando o [que é] certo, (...); [deve] honrar aqueles que mereçam e mantê-los perto de si; [deve] recompensar aqueles que são merecedores e mostrar generosidade onde a situação exige. (...). Acima de tudo, ele deve amar Deus e à Igreja e defender o que é certo.²⁹⁹

²⁹⁷ Tradução/adaptação nossa de: "(...) especially advisable to chose someone who is outstanding in all things that the bearing of arms requires, which is to say that through long experience they should be so accustomed to the conduct of warfare that it should seem a natural calling. The continual exercise of arms provides all the necessary skills, (...). For as Vegetius says, age of itself does not give any guarantee of skill and manner of combat, but rather experience. So he should not be a novice in the routine and manner of dealing with men-at-arms, whom both in time of peace and during the demands of war he should know how to maintain, lead, and equip in the best possible manner." (cap. VII, parte I). PIZAN, op. cit., p.23-24.

²⁹⁸ Isto é, os guerreiros sob seu comando.

²⁹⁹ Tradução/adaptação nossa de: "the qualities and conditions that should be found in a good constable are these: he should not be stubborn, short-tempered, cruel, or malevolent, but rather moderate and temperate, firm in justice, kindly in conversation, of upright bearing and few words, with a composed face, not given to light talk, truthful in word and promise, brave, sure of himself, diligent, not covetous, proud before his enemies, magnanimous to the vanquished and to his inferiors, not easily angered or given to impulsive acts, not readily impressed by appearances or by words that do

Portanto, observamos que, apesar de aconselhar que o condestável seja uma pessoa perita em armas e que tenha experiência em batalha, Christine deixa claro que esses requisitos não são o suficiente. Deste modo, ela completa sua descrição do comandante perfeito com a descrição de qualidades psicológicas e de comportamento que ele deve ter.

Percebemos neste trecho que as recomendações dadas pela autora visam que o condestável não seja precipitado, desorganizado e não tome decisões sem refletir adequadamente sobre as situações. Esta série de qualidades está dentro das virtudes que ela provavelmente vê como escassas na sociedade cavaleiresca de seu tempo. Pizan enfatiza, portanto, as qualidades de seu cavaleiro ideal, sábio, de temperamento moderado e honrado – o rei Charles V – e cria, portanto, um modelo para seus leitores. Além do mais, a autora estende tais características desejáveis a “marechais e todos aqueles que ocupam cargos semelhantes”,³⁰⁰ deste modo ela salienta que todos os homens que organizam a armada do reino devam ter as qualidades de bons e sábios cavaleiros, mesmo se estes não tivessem propriamente este título.

Outro conselho que reflete o pensamento da autora sobre a cavalaria pode ser encontrado no também já mencionado capítulo XXI, parte I. Após a autora aconselhar sobre a necessidade de um discurso feito pelo comandante antes da batalha, para encorajar as tropas e escrever um como exemplo para seu público, Pizan discorre sobre o que considera ser o comportamento adequado do comandante para com suas tropas:

É também dever do bom comandante tratar seus homens com gentileza, caso contrário ele não é digno de seu posto. Pois é dito que por meio de sua generosidade e bondade, mais do que qualquer outra forma, ele pode cativar melhor o coração de seus homens para que juntos doem corpo e alma. Sua benevolência deve encorajar até

not seem truthful, not tempted to vanity, ornaments, or jewels (...). He should rather inform himself everyday regarding his adversaries state of readiness, be subtle, farseeing, and cautious in defending himself against them, assailing them wisely, and remain well-informed of their traps. He should know how to govern his own people, keeping them in order and commanding due respect, carrying out the right, (...), honoring those who merit it and keeping them near him, rewarding those who are deserving, and showing generosity where the situation requires it. (...). Above all, he should love God and the Church and uphold what is right”. (cap. VII, parte I). Ibid., p. 25-26.

³⁰⁰ Tradução nossa de: “to marshals and all those who hold similar offices.” (cap. VII, parte I). Ibid., p. 26.

os humildes a ousar apontar para ele e dizer o que parece importante para ele [que seja] relativo a feitos de armas.³⁰¹

Observamos aqui que a conduta que Christine propõe como ideal para os comandantes de uma armada também deriva de certos aspectos do seu ideal de comportamento cavaleiresco: ser gentil, humilde e honrado.

Encontramos, por fim, no *Fais d'armes* duas situações, que merecem nossa atenção, onde a palavra *knighthood* é utilizada com o sentido de “virtudes/qualidades cavaleirescas”.³⁰²

A primeira, no já citado capítulo VIII, parte I, onde Pizan discorre sobre o treinamento recomendado pelos autores clássico para os guerreiros. Citando Vegécio, a autora explica que longos períodos de paz fazem com que os guerreiros percam a prática de suas habilidades e critica o prazer, a preguiça e a avareza dos nobres guerreiros que só dão valor aos feitos de armas em si e não consideram o treinamento digno de seu tempo. Para a autora, eles “fizeram a cavalaria [*knighthood*] decadente através da sua negligência, esquecimento e indiferença.”³⁰³ Christine de Pizan desaprova aqui a cavalaria dita “tradicional” e propõe no decorrer da obra seu modelo revisionista, para oferecer uma solução para esse declínio que ela aponta.

A segunda situação também explicita outro aspecto da opinião da autora que encontramos mais detalhado e definido em *Charles V*. No capítulo XV, parte I, Pizan discute os cuidados que um comandante deve ter com suas tropas e cita novamente Vegécio:

(...) o comandante, a quem é confiado algo tão importante como a responsabilidade e a direção da honra da cavalaria [*knighthood*], os assuntos do príncipe, o bem comum, a segurança das cidades e os destinos das batalhas, não deve ser apenas responsável pelo

³⁰¹ Tradução nossa de: “It is also the duty of the good commander to treat his men kindly, for otherwise he is not worthy of his office. For it is said that by means of his generosity and kindness he can better engage the hearts of his men to expose with him body and life than in any other way. His benevolence should embolden even those of humble estate to dare to point out to him and say what seems important to them concerning deeds of arms”. (cap. XXI, parte I). Ibid., p. 62-63.

³⁰² A palavra *Knighthood* pode significar tanto o título de cavaleiro, quando qualidades cavaleirescas ou o coletivo de cavalaria. Cf. *Knighthood*. **The Free Dictionary**. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/knighthood>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

³⁰³ Tradução nossa de: “caused knighthood to decline through negligence, forgetfulness, and indifference.” (cap. VIII, parte I). PIZAN, op. cit., p. 27.

exército em geral, mas por todos e cada membro; pois se algo der errado, será visto como culpa dele.³⁰⁴ (Grifos nossos).

Neste fragmento podemos verificar a sutil presença da ideia cristiniana de que a cavalaria serve principalmente ao bem comum que discutimos anteriormente. Esta concepção está presente em outros momentos da obra, mas de forma ainda mais sutil.

Assim, devido à época em que Christine escreve, podemos perceber esse distanciamento do conceito da autora de cavalaria ideal em relação ao conceito tradicional como um momento de transição entre ideias de uma cavalaria feudal (que visa proteger o senhor) e um ideal próximo à noção de estado (que pretende proteger o coletivo), que começa a surgir nos finais da Guerra dos Cem Anos.

3.3 A FIGURA DO GUERREIRO IDEAL CONFORME O *FAIS D'ARMES*

Já discutimos as motivações de Christine de Pizan ao escrever sua obra, sua escrita didática, suas *auctoritates* e exploramos também um pouco da sociedade guerreira da época em que ela escreve seu livro. Agora buscamos analisar qual era a visão geral que a autora tinha do guerreiro de sua época, não apenas a do cavaleiro, que já foi visto acima, mas dos guerreiros como um todo.

Um olhar atento à fonte nos faz perceber que grande parte dos conselhos que Pizan propõe aos guerreiros sobre sua conduta é feito no decorrer da primeira parte do livro.

No que diz respeito aos guerreiros, homens de armas e cavaleiros, Pizan enfatiza a importância de serem homens treinados em habilidades de guerra. Quando se refere aos homens de armas, no capítulo XI, Christine de Pizan, citando Vegécio, diz que “com ousadia, sem a qual nada tem valor, ele deve ser ensinado a usar seu equipamento adequadamente” e habilmente.³⁰⁵

O maior destaque à necessidade de treinar e aprender habilidades úteis para a guerra é feito, no capítulo X, onde a autora fala dos jovens:

³⁰⁴ Tradução nossa de: “(...) the commander, to whom is entrusted so great a thing as the responsibility and direction of knighthood's honor, the affairs of the prince, the commonweal, the safety of cities, and the fortunes of battles, should not merely be responsible for the army in general, but for each and every member; for if something should go wrong, it is seen to be his fault”. (cap. XV, parte I). Ibid., p. 44.

³⁰⁵ Tradução nossa de: “with boldness, without which nothing is of any value, he must be taught to use his equipment properly”. (cap. XI, parte I). Ibid., p. 35.

É, portanto, muito vantajoso para um jovem de boa vontade, se ele tiver tempo e lugar, aprender a arte e a ciência da guerra, tarefa que ninguém deve considerar fácil ou indolor. Aquele, diz [Vegécio], que é bem versado em tal disciplina, não tem medo de lutar contra um adversário, mas encontra [na luta] o verdadeiro prazer e deleite.³⁰⁶

Christine neste mesmo capítulo faz uma lista de habilidades que ela, de acordo com suas fontes, considera úteis para um guerreiro: saber nadar, usar uma funda, atirar com arco, usar escudos, atirar lanças, entre outros.³⁰⁷ Dessas competências, Pizan se atém no tiro com arco e descreve a técnica de maneira simples e de fácil compreensão, elogiando os jovens ingleses que aprendem a técnica desde pequenos e assim superam os arqueiros dos outros reinos.³⁰⁸ Para a autora os jovens mais qualificados são “aqueles cujos olhos são alertas e [têm] espíritos flexíveis, (...), com ombros largos, longos braços que são musculosos e mãos ossudas bem-formadas, (...), coxas largas e pernas musculosas bem formadas, pés retos e largos.”³⁰⁹ Este é um dos poucos momentos onde ela especifica características puramente físicas. Nos demais momentos, como visto no tópico anterior, notamos que Pizan dá pouca ênfase para atributos corporais e destaca aspectos do caráter e comportamento que ela julga ideal para um guerreiro. Assim, observamos novamente que, apesar de priorizar qualidades mentais, ela reconhece que é necessário que o guerreiro tenha condições físicas para resistir às dificuldades do treinamento e das batalhas.

Para defender a importância do treinamento dos guerreiros, Christine de Pizan cita novamente Vegécio, no capítulo VIII, esclarecendo que para ele a única explicação para as grandes conquistas de Roma é a habilidade e o treinamento das suas tropas.³¹⁰ A autora explica que somente deste modo, treinando duro, uma tropa pequena pode conquistar grandes hostes e completa:

³⁰⁶ Tradução nossa de: “It is therefore greatly to the advantage of a young man of goodwill, if he has time and place, to learn the art and science of warfare, a task no one should consider easy or without pain. One, he says, who is well versed in such a discipline has no fear of fighting against an adversary, but rather finds it true pleasure and delight.” (cap. X, parte I). Ibid., p. 33

³⁰⁷ Ibid., p. 33-34.

³⁰⁸ Ibid., p. 33.

³⁰⁹ Tradução nossa de: “those whose eyes were alert and spirits flexible, (...), with large shoulders, long arms that were muscular and well-shaped bony hands, (...), large thighs and well-formed sinewy legs, broad straight feet”. (cap. X, parte I). Ibid., p. 34.

³¹⁰ Ibid., p. 28.

devemos concluir mais uma vez, (...), que é melhor ter um pequeno número de homens bem instruídos e habilidosos em armas, através de [um] treinamento contínuo em todas as coisas que podem acontecer no destino duvidoso da batalha, que um número muito grande de homens rudes e ignorantes.³¹¹

Neste trecho ela acentua a importância da qualidade ao invés da quantidade. Tal conselho concorda com a linha de pensamento de prezar pela racionalização das decisões da guerra que a autora mantém no decorrer da obra.

Pizan não se atém muito a descrever um príncipe ideal no *Fais d'armes* uma vez que ela já escreveu *Charles V* com esse propósito. Mas a autora comenta, no capítulo V que é necessário “para o príncipe ser sábio, ou pelo menos estar disposto a usar [um] sábio conselho, pois como diz Platão, afortunado é o país onde os sábios governam, pois caso contrário ele é amaldiçoado, como a Sagrada Escritura também testemunha.”³¹² Nesta obra ela toma o príncipe como o comandante maior da armada do reino, o soberano que tem o direito de travar guerras por justiça.

Assim, através destes fragmentos podemos observar que, apesar de reconhecer que é necessário que ele tenha também as características físicas necessárias para enfrentar as provações da guerra, Christine de Pizan valoriza e ressalta a importância das qualidades mentais do guerreiro.

³¹¹ Tradução nossa de: “we must once more conclude, (...), that it is better to have a small number of men well instructed and skilled in arms through continuous training in all things that may happen in the dubious fortunes of battle than a very large number of rude and ignorant men”. (cap. VIII, parte I). Ibid., p. 28.

³¹² Tradução nossa de: “it is necessary for the prince to be wise, or at the very least be disposed to use wise counsel, for as Plato said, fortunate is the country where the wise govern, for otherwise it is cursed, as Holy Scripture also testifies.” (cap. V, parte I). Ibid., p. 19.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até o momento em que Christine de Pizan escreve sua obra, a Guerra dos Cem Anos causou grandes perdas ao reino. Para complicar a situação havia uma disputa civil pelo comando administrativo da França. Pizan vê nessa sociedade caótica um espaço para melhora, uma oportunidade para ajudar. Desta forma, ela escreveu seus tratados políticos, pois acreditava que a solução desses problemas estava no conhecimento, na razão e na sabedoria dos antigos.

O *Fais d'armes* não foi um caso à parte e foi um dos livros mais ousados que Christine de Pizan escreveu, pois, ela conseguiu conciliar os interesses de seu mecenas com os seus próprios e criou uma obra perspicaz, para educar não só o delfim, mas também todos os guerreiros que pudesse alcançar com suas palavras.

Sua escrita traduz claramente suas intenções. Apesar do conteúdo teórico, por vezes maçante, que um tratado militar pode oferecer para quem não está habituado com leituras densas na época, Christine consegue explicar de maneira acessível e detalhada seus conselhos e ideias. Os vários artifícios utilizados como exemplos neste trabalho (as conversas com o leitor/ouvinte, as perguntas, os diálogos, entre outros) mostram que a todo o momento em sua obra a autora está buscando escrever de maneira compreensível para uma audiência leiga e, muito provavelmente, iletrada – ainda assim deixando clara sua mensagem.

Ao mesmo tempo Pizan não desconsidera sua audiência letrada, pois está a todo o momento blindando seu trabalho contra possíveis críticas – o uso das *auctoritates* em sua compilação, a metáfora do construtor, a busca de apoio em seu mestre e em Minerva,³¹³ e a seleção dos assuntos abordados no seu livro mostram que Christine de Pizan tinha ciência das críticas que podia receber. Entretanto, o livro foi um *best-seller* e as críticas vieram muito mais tarde e foram rebatidas.

Christine escreveu o tratado militar porque sentiu a necessidade de aconselhar, de mostrar o caminho que ela, através de suas fontes e seu conhecimento, julga ser o melhor para a situação da sociedade onde vive.

A autora procura informar seu público, para que ele procure saber os motivos pelos quais as disputas e guerras estão sendo travadas naquele tempo. É

³¹³ No começo do *Fais d'armes* Christine invoca a deusa Minerva para obter forças e sabedoria para escrever o livro. Segundo S. Willard, Minerva é um dos ícones favoritos, pois é uma figura recorrente em suas obras. Cf. nota do tradutor número 2. In: *Ibid.*, p.13.

importante para ela esclarecer seu leitor/ouvinte o que pode ser considerado ou não uma guerra justa e quais são as consequências das disputas “injustas”. Christine, porém, não percebe a guerra como algo inevitável (como faz Bouvet), pois mesmo escrevendo sobre ela, Pizan também aconselha a paz, do mesmo modo que advoga pela paz em outras obras que escreve no período.

Contudo, se todas as considerações foram feitas cautelosamente, se todos os conselhos foram ouvidos e o soberano conclui que a guerra deve ser feita, o *Fais d'armes* foi escrito não para abordar todos os assuntos possíveis sobre a guerra, mas sim cobrir as principais lacunas e deficiências que Pizan percebia no modo como a guerra era conduzida na França, naquela época, buscando uma possível mudança. A autora possivelmente buscava atualizar o reino para as constantes evoluções da guerra, não só do ponto de vista armamentistas, mas também avanços estratégicos.

Assim, a autora escreve sobre a nomeação do Condestável, pois é uma escolha que afeta todas as ações militares feitas a partir desta figura, uma vez que ele age em nome do soberano no comando do seu exército.

Tendo em vista as grandes perdas que a França sofreu na primeira metade da Guerra dos Cem Anos, Christine de Pizan disserta sobre as batalhas campais e operações de cerco, de modo a difundir estratégias e conselhos de sábios cavaleiros de seu tempo e autoridades do mundo antigo.

No entanto, seu conselho vai além das estratégias militares. Visando alcançar o maior número possível de leitores/ouvintes, para ter sua mensagem espalhada, Pizan ressalta a importância do treinamento e busca explicar aos leigos as leis e os costumes da guerra que julga ser importante para o conhecimento de todos, como o salvo-conduto, o pagamento do soldo, os costumes que envolvem a partilha dos espólios e, principalmente, sobre os julgamentos por combate (prática que ela repudia).

Através da análise que procuramos fazer neste trabalho, percebemos claramente que Christine de Pizan vai muito além de projetar seus conselhos e propostas para o delfim e escreve para os guerreiros de maneira geral, que podem ler ou ouvir ler sua obra.

Ao lermos a fonte, compreendemos que o modelo que Pizan desenvolve no *Fais d'armes* para o guerreiro ideal é, de certo modo, uma transposição do modelo

do cavaleiro ideal – projetado na figura do rei Charles V – que é descrito e aprofundado na biografia que ela escreve do rei.

Como no caso da cavalaria, os aspectos físicos de um bom guerreiro são reconhecidos, mas postos um pouco de lado (excetuando, talvez, a ênfase feita no treinamento constante), e um grande destaque é dado às características psicológicas e comportamentais que a autora julga ideais para tal ocupação: honra, temperança, paciência, sabedoria e outros. Pois é importante para um guerreiro analisar a situação antes de agir.

Entretanto, para Christine não basta o guerreiro ter maestria em armas, treinar sempre, ser honrado e pensar antes de tomar decisões se ele não possui conhecimento acerca das leis e dos costumes relacionados à guerra. Visando este último aspecto, a autora escreve a parte III e IV do seu tratado, explicando de maneira didática assuntos densos para que todos saibam seus direitos e deveres relacionados com a guerra.

Através das análises feitas anteriormente, observamos, portanto, que Christine de Pizan possuía sim uma concepção de um guerreiro ideal, que foi espelhado no seu entendimento de um cavaleiro ideal. Pizan desenvolve este seu conceito no *Fais d'armes* para servir de exemplo, como uma proposta de comportamento, para ser almejado por seus leitores/ouvintes.

Não sabemos até que ponto a autora conseguiu difundir este ideal entre os guerreiros franceses de seu período, pois os estudos acerca da disseminação de sua obra antes do século XVI são escassos. Entretanto, presumimos que tal ideal tenha tido certa influência pelo menos em determinados segmentos da sociedade guerreira da época, devido ao fato de seu livro ter sido considerado um *best-seller*.

REFERÊNCIAS

FONTES

BOUVET, Honoré. **Árbol de batallas**: versión castellana atribuida a Diego de Valera. Madrid: Imprenta Ministerio de Defensa, 2008.

MONTEIRO, João Gouveia; BRAGA, José Eduardo. **Vegécio**: Compêndio da Arte Militar. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2009.

PISAN, Christine de. **Le Livre du Corps de Policie**. Ed. Crítica por LUCAS, Robert H. Genebra: Librairie Droz; Paris: Librairie Minard, 1967.

PIZAN, Christine de. **The Book of Deeds of Arms and of Chivalry**. Traduzido por WILLARD, Sumner. Editado por WILLARD, Charity C. Pensilvânia: Pennsylvania State University Press, 1999.

BIBLIOGRAFIA

ALLMAND, Christopher. Vegetius' *de re militari*: Military Theory in Medieval and Modern Conception. **History Compass**, v. 9, n. 5, Maio, 2011.

ALTIERI, Júlio. **Uma análise da obra de Roger Chartier Sobre a História da Leitura**. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2010/resumos/R19-1037-1.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

AUTRAND, Françoise. France under Charles V and Charles VI. In: JONES, Michael (ed.). **The New Cambridge Medieval History**. v. 6. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

_____. **Christine de Pizan**. Paris: Fayard, 2009.

BATISTA Neto, Jônatas. **História da Baixa Idade Média (1066-1453)**. São Paulo: Ática, 1989.

BELO, André. **História & Livro e Leitura**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

BIEDERMAN, Melissa A. **The question of authorship of Christine de Pisan's war manual**, Le livre des fais d'armes et de chevalerie. Tese. Iowa: Iowa State University, 1991. Disponível em: <<http://lib.dr.iastate.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1162&context=rtd>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

BORSARI, Elisa. Auctor y auctoritas: apuntes sobre la traducción de los clásicos durante la Edad Media. **Actas XIII Congreso AHLM**. Valladolid, 2010. Disponível em: <https://www.academia.edu/2157796/Auctor_y_auctoritas_apuntes_sobre_la_traduccion_de_los_clasicos_durante_la_Edad_Media>. Acesso em: 24 nov. 2016.

BOULTON, D'A. Jonathan D. The Treatise on Armory in Christine de Pizan's *Livre des fais d'armes et de chevalerie*. In: KENNEDY, Angus J. (ed.). **Contexts and Continuities**. Proceedings of the IVth International Colloquium on Christine de Pizan (Glasgow 21-27 July 2000), published in honor of Liliane Dulac. Glasgow: University of Glasgow Press, 2001, v. 1.

CALADO, Luciana E. de Freitas. **A cidade das damas**: a construção da memória feminina no imaginário utópico de Christine de Pizan. Estudo e Tradução. Tese. Recife: UFPE, 2006.

ÇEÇEN, Zeynep K. **Late Medieval Attitudes on the Evil in Warfare**: Honoré Bouvet's *Arbre des batailles* and its Sources. Disponível em: <<https://www.interdisciplinary.net/at-the-interface/wp-content/uploads/2013/02/Cecen2.pdf>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

CURRY, Anne. **The Hundred Years' War**: 1337-1453. Oxford: Osprey, 2002.

CURTIUS, Ernst R. **Literatura Européia e Idade Média Latina**. São Paulo: Hucitec e Edusp, 1996.

DEMARTINI, Dominique; LE NINAN, Claire; PAUPERT, Anne; e SZKILNIK, Michelle (orgs.). **Une femme et la guerre à la fin du Moyen Âge**: Le Livre des faits d'armes et de chevalerie de Christine de Pizan. Paris: Honoré Champion, 2016.

DICTIONNAIRE du Moyen Français. Disponível em: <<http://www.atilf.fr/dmf/>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

DIDEROT; D'ALAMBERT. **L'Encyclopédie ou Dictionnaire raisonné des sciences**, des arts et des métiers (1751-1772). 1er édition. Disponível em: <http://www.lexilogos.com/encyclopedie_diderot_alembert.htm>. Acesso em: 24 nov. 2016.

DUDASH, Susan J. Prudence et chevalerie dans le *Livre des fais et bonnes meurs et bonnes meurs du sage roy Charles V*. **Cahier de recherches médiévales**. n. 16, 2008. Disponível em: <<http://crm.revues.org/10872>>. Acesso em: 26 out. 2016.

DULAC, Liliane. RIBÉMONT, Bernard (org.). **Une femme de lettre au Moyen Âge**. Études autour de Christine de Pizan. Orléans, Paradigme, 1995.

ENCYCLOPEADIA Britannica, The: A dictionary of arts, sciences, literature and general information. 11th Edition. Cambridge: Cambridge University Press. 1910. v. 2, 11 e 16. Disponível em: <<https://archive.org/details/EncyclopaediaBritannica1911HQDJVU>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

FISCHER, Steven Roger. **A History of Reading**. Londres: Reaktion Books, 2003.

FLORI, Jean. **A cavalaria**: a origem dos nobres guerreiros da Idade Média. São Paulo: Madras, 2005.

FORHAN, Kate Langdon. **The Political Theory of Christine de Pizan**. Hampshire: Ashgate, 2002.

FRANCO Jr, Hilário. Apresentação. In: LLULL, Ramon. **O livro da ordem de cavalaria**. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência Raimundo Lúlio, 2000.

FREE Dictionary, The. Disponível em: <<http://www.thefreedictionary.com/>>. Acesso em: 24 nov. 2016

GAUVARD, Claude. Christine de Pisan a-t-elle eu une pensée politique? À propos d'ouvrages récents. **Revue Historique**. T. 250, Fasc. 2 (out.-dec. 1973). p. 417-430.

GIACOMONI, Marcello Paniz. **Ecoss de uma tradição**: a ideia de decadência na obra *Epitoma Rei Militaris* de *Flavius Vegetius Renatus*. Dissertação. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

HANLY, Michael. Witness to the schism: the writings of Honorat Bovet. In: ROLLO-KOSTER, Joelle; IZBICKI, Thomas M. (ed.). **A Companion to the Great Western Schism** (1378-1417). Leidein: Brill, 2009.

HENNEMAN Jr, John B. Chivalry. In: KIBLER, William W. (ed.) [et al]. **Medieval France**: an encyclopedia. [s.l.] Taylor & Francis e-Library, 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/2FzkzD>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

HICKS, Eric (ed.). **Au champ des escriptures**. III^e Colloque International sur Christine de Pizan. Lousanne, 18-22 juillet, 1998. Paris: Honoré Champion, 2000.

KENN, Maurice. (ed.) **Medieval Warfare**: a history. Oxford: Oxford University Press, 1999.

KILGOUR, Raymond L. Honoré Bonet: A Fourteenth-Century Critic of Chivalry. **PMLA**. v. 50, n. 2, p. 352-61, 1935. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/458143>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

LE GOFF, Jacques. **As raízes medievais da Europa**. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. **Heróis e Maravilhas da Idade Média**. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____; SCHIMMITT, Jean-Claude (org.). **Dicionário Temático do Ocidente Medieval**. Bauru: Edusc, 2002. v. 1 e 2.

LEITE, Lucimara. **Christine de Pizan**: uma resistência no aprendizado da moral da resignação. Tese. São Paulo: USP, 2008.

MARGOLIS, Nadia. Christine de Pizan: The Poetess as Historian. **Journal of the History of Ideas**, v. 47, n. 3 (jul.-set., 1986). Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2709658>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

MARTINS, Miguel Gomes. **Para Bellum: Organização e Prática da Guerra em Portugal durante a Idade Média (1245-1367)**. Dissertação de doutoramento. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2007.

MARTINS, Wilson. **A Palavra escrita**. São Paulo: Ática, 1998.

MEDEIROS, Márcia M. de. A História Cultural e a História da Literatura Medieval. Algumas referências à “Escritura” do oral e à “Oralidade” do escrito. **Fronteiras: Revista de História**. Dourados, v. 10, n. 17, p. 97-111, jan./jun. 2008. Disponível em: <<http://ojs.ws.ufgd.edu.br/index.php?journal=FRONTEIRAS&page=article&op=view&path%5B%5D=64&path%5B%5D=74>>. Acesso em: 20 set. 2016.

MONTEIRO, João Gouveia. Vegécio e a prática militar medieval: influencia real e condicionalismos. **Biblos**, v. 7, 2009.

NICOLLE, David; McBRIDE, Angus. **French armies of the Hundred Years War**. Oxford: Osprey, 2000.

ONG, Walter J. Orality, Literacy, and Medieval Textualization. **New Literacy History**. Vol. 16 N. 1, 1984. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/468772>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

OUY, Gilbert; RENO, Christine; VILLELA-PETIT, Inès. **Album Christine de Pizan**. Turnhout: Brepols, 2012.

RIBÉMONT, Bernard. Christine de Pizan écrivain didactique: la question de l'encyclopédisme. In: DOR, Juliette; HENNEAU (dir.). **Christine de Pizan, une femme de science, une femme de lettres**. Paris, Honoré Champion, 2008.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e a excessão de significação**. Lisboa: Edições 70, 2000.

SARTON, George. Review. The Tree of Battles. Honoré Bonet, G. W. Coopland. **Isis**, v. 41, n. 2, p. 207, jul., 1950. Disponível em: <<http://www.journals.uchicago.edu/doi/abs/10.1086/349154>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

SHARDER, Charles R. The influence of Vegetius' *De re militari*. **Military Affairs**, v. 45, n. 4, dec., 1981.

SICARD, François. **Histoire des Institutions Militaires des français**. Premier Tome. Paris: J. Corréard, 1834. Disponível em: <<https://books.google.fr/books?id=EkxHAAAAYAAJ&hl=pt-BR&pg=PR7#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

TAYLOR, Craig. **Chivalry and the Ideals of Knighthood in France during the Hundred Years War**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/5009736/Chivalry_and_the_Ideals_of_Knighthood_in_France_during_the_Hundred_Years_War_introduction_>. Acesso em: 24 nov. 2016.

WILLARD, Charity C. Christine de Pizan on the Art of Warfare. In: DESMOND, Marilyn (ed.). **Christine de Pizan and categories of difference**. Minnesota: University of Minnesota Press, 1998.

_____. Christine de Pizan's concept of the Just War. In: CORBELLARI, Marie-Thérèse B. WAHLEN, Barbara (orgs.). **“Riens ne m'est seur que la chose incertaine”**. Etudes sur l'art d'écrire au Moyen Âge offertes à Eric Hicks. Genève: Slatkine, 2001.

WOLFF, Philippe. **Outono da Idade Média ou Primavera de Novos tempos?** São Paulo: Martins Fontes, 1988.

WUENSCH, Ana Mírian. **O Quê Christine de Pizan nos faz pensar?** Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/16315/9344>>. Acesso em: 24 nov. 2016.

ZUMTHOR, Paul. **A Letra e a Voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.